

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 1999 n.5 jan

P
400
A/2
Ex.2

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 05
Janeiro 1999

Cadernos de Tradução
Instituto de Letras

Nº 5 – Janeiro de 1999

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Profa. Sara Viola Rodrigues

Organizador: Prof. Cléo Vilson Altenhofen

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração
Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
AREALIDADE E SOCIALIDADE?.....	7
Günter Bellmann	
<i>Tradução: Cristiani Wortmann Gross</i>	
<i>Revisão: Érica Schultz e Cléo Vilson Altenhofen</i>	
NOVOS CAMINHOS DA GEOLINGÜÍSTICA ROMÂNICA: UM BALANÇO.....	31
Edgar Radtke & Harald Thun	
<i>Tradução: Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf</i>	
<i>Revisão: Cléo Vilson Altenhofen</i>	
O "ATLAS LINGÜÍSTICO GUARANÍ-ROMÁNICO" (ALGR). UM TRABALHO NECESSÁRIO PARA ATUALIZAR INFORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS SOBRE O GUARANI E O ESPANHOL DO PARAGUAI.....	53
Harald Thun & Almidio Aquino	
<i>Tradução: Cléo Vilson Altenhofen</i>	

APRESENTAÇÃO

O presente número dos *Cadernos de Tradução* nasceu da preocupação de preencher um “abismo”. Refiro-me às barreiras com as quais nos deparamos, nas atividades de ensino e pesquisa da Universidade, quando buscamos o entrelaçamento entre o conhecimento adquirido e a sua transmissão a um público receptor, entre a pesquisa e a formação de pesquisadores novos, a tradição e a inovação. Tais barreiras manifestam-se especialmente no momento de organizar a bibliografia de um curso, quando o desconhecimento da língua (por exemplo, o alemão) obriga a uma série de cortes que, certamente, vão interferir no próprio resultado da análise. Mas não só isso. Também em termos do desenvolvimento de uma área do conhecimento, verificam-se os efeitos inibidores desse “abismo”: por exemplo, para a história da lingüística e de disciplinas como a geolingüística e a dialetologia, não é raro traçar um quadro parcial e injusto, seja porque o autor se especializou apenas em determinada escola de determinado país, seja porque não teve acesso à literatura de determinada linha devido ao seu desconhecimento da outra língua.

Neste sentido, é extremamente louvável o papel que assumem os *Cadernos de Tradução* publicados no Instituto de Letras da UFRGS. O seu êxito comprova que a preocupação acima, a qual já motivou o n.º 5, não é um fato isolado. Para mim, que encaminhou a sua formação em duas áreas paralelas como a germanística e a romanística, esta dimensão é ainda mais visível, e o abismo nenhum exagero. É verdade que – seguindo a mesma metáfora – buscamos pelo menos estreitar o diâmetro do abismo, intensificando o intercâmbio acadêmico em nosso Instituto, como uma frente complementar valiosíssima no desenvolvimento da área de Letras.

Os três textos reunidos aqui são, assim, fruto de uma prática de intercâmbio que já vem de algum tempo. Günter Bellmann, da Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha), esteve na “casa” em 1992, na condição de pesquisador-convidado, quando também visitou comunidades bilíngües no interior do Estado, com vistas à orientação da minha Tese de Doutorado sobre o “Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul”. Dialetólogo e germanista reconhecido, Günter Bellmann é autor de várias obras, entre as quais o *Atlas Lingüístico da Silésia* e o *Atlas Lingüístico da Renânia Central*, que coordena atualmente. Seu artigo, “Arealidade e socialidade?”, exemplifica as tendências atuais que levaram a uma evolução da dialetologia tradicional, antes essencialmente diatópica (geolingüística), para uma dialetologia bidimensional que incorpora a verticalidade, tipicamente estudada pela sociolingüística. Este princípio, recuperado por Bellmann na história da própria disciplina, irá promover, digamos, o “casamento” de duas áreas que andavam circunstancialmente em caminhos separados.

Harald Thun, da Christian-Albrechts-Universität de Kiel (antes Mainz), pode-se dizer que amplia o escopo da bidimensionalidade, lançando as bases da *dialetologia pluridimensional*. E é com esta denominação que se vem estabele-

cendo essa (nova) linha de estudos. Seu artigo, escrito em co-autoria com Edgar Radtke (Universidade de Heidelberg), faz um balanço da situação dos estudos pluridimensionais na perspectiva da romanística. O texto sintetiza as tendências mais recentes apresentadas no Simpósio sobre os "Novos Caminhos da Geolinguística Românica", realizado em Heidelberg em outubro de 1991. Harald Thun é um nome já conhecido da linguística no Brasil, e seus projetos evidenciam o esforço de desenvolver uma ciência ampla da variação linguística. Como coordenador, juntamente com Adolfo Elizaincín, do *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), mantém um intercâmbio especialmente intenso com o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), cuja área de estudos é vizinha e, portanto, contínua à do Uruguai. Atualmente, também desenvolve, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, o *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico* (ALGR), do qual trata o último artigo deste número dos *Cadernos de Tradução*.

Enfim, podemos ver nos três textos selecionados uma relação temática em torno da área da dialetologia pluridimensional. Creio que, com isso, se está dando uma contribuição, se não para preencher um abismo inteiro, pelo menos para dar mais visibilidade aos novos horizontes que se vêm delineando nesta mesma área. Vale ressaltar, ainda, o próprio exercício da tradução como um exercício crítico do aparato teórico-metodológico e das condições de difusão da disciplina. Assim, tanto o primeiro texto, traduzido por Cristiani Wortmann Gross (sob a orientação de Érica Schultz), como o segundo, traduzido conjuntamente por Minka Pickbrenner e Rita Dolores Wolf, podem ser vistos como instrumentos de pesquisa no sentido da aproximação entre duas áreas importantes como o são a germanística e a romanística.

Cléo Vilson Altenhofen
Organizador

Arealidade e socialidade?¹

Günter Bellmann²

Tradução: Cristiani Wortmann Gross³

Revisão: Erica Schultz e Cléo Vilson Altenhofen⁴

1 REFLEXÕES PRÉVIAS PARA UMA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA BIDIMENSIONAL

Ambas, arealidade e socialidade, parecem ser simplesmente características da língua natural, portanto universais. No alemão, ao qual vou me deter aqui, essas características não deixam de aparecer também na língua padrão ou pelo menos não completamente. No entanto, elas se realizam de modo especialmente caracterizador no subpadrão falado, nomeadamente no seu âmbito inferior, que se designa usualmente como *dialeto*.

Por arealidade deve-se entender um traço que se relaciona com as características de distribuição, no espaço, dos recursos lingüísticos de uma língua isolada, ou de um dialeto de uma língua isolada, e que, em consequência, serve de auxílio para fazer afirmações sobre áreas parciais específicas para os recursos lingüísticos, quer dizer, sobre restrições da validade e da ocorrência, as quais são atestadas no plano horizontal: ale. *Samstag* ("sábado") tem o traço <+areal> devido a *Sonnabend* e *Saterdag*, com os quais ele se divide no espaço lingüístico do alemão. O traço comum <+areal> precisa ser sub-especificado para o caso particular, por exemplo como <+areal: alemão-superior (*oberdt.*)>. Uma expressão com o traço <-areal> pode ser aplicada sem restrições para toda a área lingüística. Seria uma tautologia falar da arealidade dos dialetos. Apesar disso, é comum falar-se de dialetos de área extensa ou de área restrita. (Em lugar de *arealidade*, usa-se também o termo *diatopia*. Sendo assim, o grego *tópos* deveria no entanto ser compreendido em um sentido mais amplo, como uma caracterização geral conforme a localização, e não como tal que se define segundo a localidade isolada, a fim de com isso fazer justiça à **deslocalização** [*Entlokalisierung*] dos dialetos de base, a qual se encontra já em estágio avançado.)

¹ N.T.: Agradecemos ao autor, Günter Bellmann, e a Harald Thun, como editor, a autorização para traduzir este texto, publicado originalmente in: RADTKE, Edgar / THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 50-77. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

² Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha). Atualmente, coordenador do *Mittelrheinischer Sprachatlas - MrhSA* ('Atlas Lingüístico da Renânia Central').

³ Instituto de Letras - UFRGS.

⁴ Instituto de Letras - UFRGS.

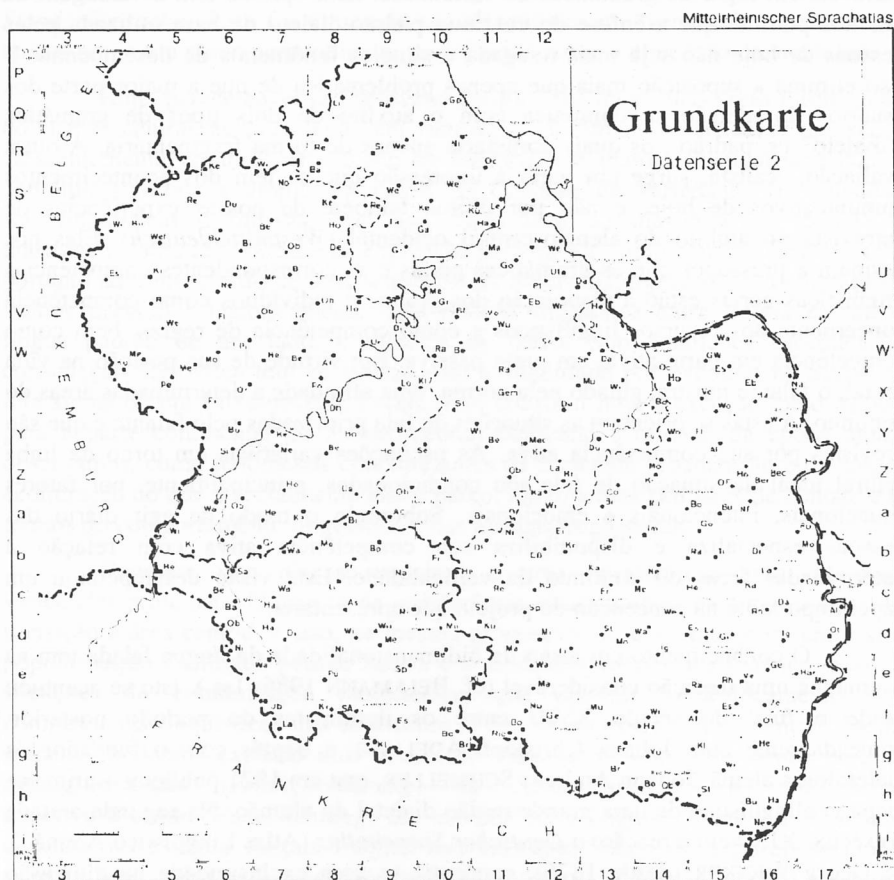
Socialidade, o outro traço, relaciona-se à quantidade de contrastes lingüísticos que podem ser identificados para cada localidade pesquisada da referida projeção horizontal, isto é, em direção à língua padrão suprajacente (*überdachende Standardsprache*). Esta é a dimensão sociolingüística ou “vertical”, a qual imaginamos como um plano perpendicular posicionado sobre a dimensão da arealidade.

Hoje, parece haver um consenso de que – ao menos nas áreas lingüísticas do alemão central, as quais tenho em vista aqui – a dimensão vertical se apresenta crescentemente, em toda parte, como um contínuo variacional. Postular semelhante contínuo significa a ampla abdicação da hipótese de variedades ou camadas sociolingüísticas distintivas. Por isso, evito falar de diastratia [ou dimensão diastrática], porque também esta expressão poderia ser compreendida literalmente, portanto aqui no sentido de uma seqüência de níveis distinguíveis. Evidentemente, iremos pressupor historicamente uma relação diglósica entre língua escrita e língua padrão de um lado, e dialetos de outro. Sob condições especiais, a constelação diglósica tem se mantido até a atualidade por exemplo na Suíça de fala alemã ou em Luxemburgo. Porém, isso constitui hoje a exceção: pelo menos para a parte continental do alemão-central ocidental e oriental da época atual, observamos, como fenômenos concomitantes da crescente urbanização e da ampla aculturação do que é socialmente alto e baixo, movimentos similares de contato em termos do comportamento lingüístico e das normas lingüísticas.

Contudo, isso não se restringe a uma interferência entre as duas variedades principais. O espaço da interferência situa-se antes da simples zona de transição à área central, e isso, na mesma proporção em que concorrem entre si a popularização da língua padrão falada e o desaparecimento dos dialetos. São as situações de comunicação modificadas que causam o deslocamento das competências lingüísticas dos indivíduos e dos grupos para a área central. Desta maneira, podemos explicar dois processos importantes que observamos hoje: a **desdiglossização** (*Entdiglossierung*) da comunicação e a conseqüente **desestratificação** (*Entschichtung*) das competências lingüísticas na grande massa de usuários da língua. Propus designar essa variedade heterogênea, porém de modo especial bem estruturada, abrangente e crescentemente dominante como um novo (isto é também: redefinido) **subpadrão** (BELLMANN 1983: 124). Semelhante subpadrão por exemplo do local X ou – mais tipicamente – da área Y é a concretização da dimensão vertical do modelo apresentado acima. Na sua descrição lingüística há que expressar a natureza do contínuo, a qual se manifesta no fato de que se trata, em lugar de unidades e constantes, de variáveis, cujos elementos, as variantes, são empregados seletivamente pelo participante da fala comunicativamente competente e interpretados de acordo com os traços que apresentam. A questão discutível, se a verticalidade deve ser descrita através de cada uma das gramáticas das duas variedades de partida de ambos os extremos (cf. MATTHEIER 1987: 547ss.), ou antes através de uma gramática panletal – nos seus detalhes, como sempre, organizada – (cf. BICKERTON 1973: 642-6433), portanto

uma gramática geral, será respondida, pelo menos para o estágio avançado da desestratificação, em favor do último tipo de gramática: logo, a gramática de variáveis em lugar de gramáticas de variedades. Esta opinião tem a vantagem de que nos permite que a ênfase do contínuo padrão-dialeto de base utilizada pelas pessoas de hoje não seja mais relegada a simples fenômenos de desempenho. E isso elimina a suposição mais que apenas problemática de que a maior parte dos usuários do alemão se comunica com o auxílio de dois tipos de gramática (“dialeto” vs. padrão), os quais dominaria apenas de forma fragmentária. A outra avaliação, realista, surge em meio à impressão que se tem dos acontecimentos comunicativos de hoje, e não por último também de nossas experiências de entrevista no âmbito do alemão-central ocidental (*Westmitteldeutsch*). Elas nos ensinam a pressupor que as gramáticas gerais e as correspondentes competências lingüísticas gerais estão à disposição dos grupos e indivíduos como competência concernente aos recursos lingüísticos e como competência de regras, bem como competência em parte ativa, em parte passiva. Em virtude de sua posição na vida social, o falante mostra, guiado pela norma, uma afinidade a determinadas áreas do contínuo. A estas se orientam as situações de fala priorizadas pelo falante e que são previstas por sua competência ativa. As oscilações variativas em torno da linha central ideal da situação de fala são condicionadas, principalmente, por fatores situacionais, intencionais e emocionais. Sobre tudo o modo de agir diário das pessoas especializa e disponibiliza sua competência ativa com relação a determinadas áreas do contínuo da verticalidade. Esta visão desempenhou um papel importante na concepção do projeto que apresentarei.

O conhecimento em torno da bidimensionalidade da língua falada tem na Alemanha uma tradição considerável (cf. BELLMANN 1986: 1ss.). Isto se acentuou desde o final do século XVIII entre os iluministas do período posterior, nomeadamente com Johann Christoph ADELUNG, e depois com o fundador da dialetologia alemã, Johann Andreas SCHMELLER, que em 1821 publicou o primeiro mapa geolingüístico de uma grande região dialetal do alemão. Na segunda metade do século XIX veio a reação: o *Deutscher Sprachatlas* (Atlas Lingüístico Alemão), de Georg WENKER (desde 1876), concentra-se com exclusividade na dimensão areal dos dialetos. Seguem-se, então, numerosas monografias da Escola de Marburgo. Daí em diante, a dialetologia alemã ganha sua corrente arcaizante e mais purista com relação aos dialetos. Eliminando a arealidade de seus estudos pontuais, a sociolingüística atua até hoje – com outros indícios – de forma complementarmente reducionista e unilateral. Gostaria de mostrar a seguir qual podia ser o possível caminho para um atlas lingüístico regional que, de um lado, documenta de maneira tradicional a dimensão horizontal, mas que além disso tenta não negligenciar a dimensão vertical e, de modo algum, deliberadamente suprimi-la.



2. FUNDAMENTO E PRÁTICA DO MITTELREINISCHER SPRACHATLAS - MRhSA (ATLAS LINGÜÍSTICO DA RENÂNIA CENTRAL)

A pesquisa já foi apresentada em várias oportunidades (cf. por exemplo BELLMANN; HERRGEN & SCHMIDT 1989). Para a compreensão do que vem a seguir, repito aqui resumidamente apenas os pontos mais importantes.

- O MRhSA é um atlas lingüístico dos fones (classificados) e morfes (atlas dos sons e formas).

- A área de trabalho é a região da Renânia-Palatinado situada à margem esquerda do Reno, incluindo a região do Sarre (*Saarland*).
- Esta extensão cobre duas áreas dialetais importantes: o francônio moselano (*Moselfränkisch*) e o francônio renano (*Rheinfränkisch*).
- O território abrange zonas conservadoras como Eifel e Hunsrück, uma área industrial estagnada como a do Sarre e partes dos modernos centros urbanos do Reno/Meno e em torno de Ludwigshafen/Mannheim.
- De 1981 a 1989 foram coletados, por dois exploradores especialmente encarregados deste trabalho, os dados lingüísticos correspondentes a essas áreas.
- A rede de localidades abrange 549 pontos de inquérito, isto é, menos da metade do número de comunidades locais dessa época. Foram incluídas grandes cidades como Mainz, Ludwigshafen, Koblenz, Trier, etc.
- Para o levantamento dos dados lingüísticos utilizou-se um questionário (questionário 1) de aproximadamente 1.000 palavras-chave que se subdividem, na maioria das vezes, em vários outros itens lingüísticos. As palavras-chave aparecem em contextos de frases padronizadas.
- O registro dos dados lingüísticos coletados ocorreu de forma bimedial: através da notação (API) em um exemplar do questionário (no local) e da gravação simultânea em fitas magnetofônicas.
- Os informantes desta série deveriam ter aproximadamente 75 anos de idade, de segunda geração residente no local, portanto também naturais do lugar, além de exercerem um trabalho manual.
- Em cada ponto de inquérito, deveriam ser inquiridos sempre vários informantes conjuntamente em uma entrevista em grupo.

Este levantamento (série de dados 1) teria fornecido, por si só, uma base já suficiente para um atlas lingüístico monodimensional e tradicional. Sendo assim, como se pôde chegar a pelo menos um princípio de abordagem da segunda dimensão, ou seja da dimensão vertical? Seria uma meta inatingível – porque só a mão-de-obra e os custos já eram inviáveis – fazer o levantamento e a documentação do contínuo vertical, nas 549 localidades, com o mesmo grau de detalhamento que foi possível para o contínuo horizontal. A isso se somariam as questões metodológicas relativas à apresentação cartográfica dos dados lingüísticos, aqui ainda totalmente por esclarecer. Dificuldades metodológicas ter-se-iam apresentado de forma ainda mais grave diante da consideração de que os fenômenos principais do eixo vertical, em suma o processo da variação como tal, fossem abordados, tanto quanto possível, em termos geolingüísticos, isto é, ligados ao grande número de pontos de inquérito e comparável entre um ponto e outro. Ao invés disso, elegemos uma abordagem que pareceu possível na prática e que todavia atende a um item de exigência máxima, qual seja, de aplicar, adicionalmente ao levantamento do dialeto de base (série de dados 1), uma segunda série de dados sócio-demográficos mutáveis, portanto ligados a um outro ponto do contínuo vertical, e fixando através deste, de certo modo, um (mas também somente um) novo recorte.

Em outras palavras, realizamos, em adição à primeira, uma segunda série de dados, variando em dois pontos essenciais os fatores sócio-demográficos, com os quais definimos nossos critérios para a escolha de informantes:

Série de Dados 1	Série de Dados 2
<Fixação na localidade: duas gerações> <atividade profissional: manual>	
<Idade: ± 75 > <Mobilidade: $\rightarrow$ >	<Idade: 30-40> <Mobilidade: $+\rightarrow$ >

Por mobilidade entendemos, no presente caso, a migração diária e regular de ida e volta (*Pendelverkehr*) entre o local de residência e a localidade de trabalho. Logo, os informantes da série de dados 2 deviam ser recrutados entre as pessoas da faixa dos 30-40 anos de idade e que realizassem esse movimento "pendular". A avaliação estatística final dos dados pessoais também mostra, então, para a curva de frequência do ano de nascimento dos informantes em ambas as séries de dados, um máximo notável, mais precisamente em 1949 e 1910. Ambos os grupos de informantes tinham por conseguinte, no momento do levantamento dos dados, em média respectivamente 35 e 75 anos de idade.

Para limitar os custos de um atlas lingüístico duplo, fomos forçados a fazer algumas reduções no levantamento de dados para a série 2:

- O questionário foi reduzido de (aproximadamente) 1.000 palavras-chave para 440 (questionário 2);
- A rede de localidades foi reduzida de 549 pontos de inquérito da série 1 para 292 pontos.

Afora isso, o levantamento de dados para a série 2 seguiu as mesmas condições estabelecidas para a série preliminar. O levantamento da série 2 jamais ocorreu imediatamente após o levantamento da série 1. Em geral, existia um intervalo de tempo de dois a três anos entre as duas séries, de tal maneira a manter ainda próxima a sincronia de ambas as gravações, sem que o inquiridor, contudo, se visse influenciado pela lembrança das gravações anteriores, uma vez que os questionários do levantamento da série 1 não estiveram mais à disposição dele para a consulta neste estágio.

Os dados lingüísticos coletados "bisserialmente" da maneira descrita, exigem uma técnica cartográfica adequada e específica. O procedimento, pelo qual finalmente nos decidimos, resultou do trabalho competente de Joachim HERRGEN e Jürgen E. SCHMIDT, com a colaboração de Manfred HALFER. O MRhSA apresenta, nessa perspectiva, dois modelos de mapas, os quais se baseiam no procedimento

símbolo-ponto, a saber

1. o tipo de mapa da folha-base. Este tipo contém o mapa de uma página, que apresenta os dados da série 1 de maneira convencional, ou melhor, o repertório integral dos dados para a rede completa dos 549 pontos de inquérito. Para uma parte das cartas lingüísticas deste tipo, acrescenta-se um segundo, isto é:
2. o tipo de mapa da folha de contraste, incluindo cada folha dois mapas de meia página, ambos com a rede de pontos de inquérito da série 2 reduzida a 292 localidades, sendo que o mapa à esquerda repete os dados da série 1 como base de comparação, enquanto o mapa à direita deste contrapõe os dados da série 2, destacando os contrastes entre ambas as séries através da técnica bicolor.

O procedimento cartográfico de contraste é realizado via computador: um banco de dados, que contém como dados de entrada os números dos símbolos (pré-definidos) para a cartografia de ambas as séries e as correspondentes abreviaturas dos pontos de inquérito, possibilita a comparação interserial automática dos números de símbolos e comanda o *plotter* de tal modo que, em caso de contraste nulo, a plotação dos símbolos ocorra na cor preta e, havendo contraste efetivo, na cor vermelha.

Antes de exemplificar algumas amostras deste modelo de cartografia de dados lingüísticos coletados bisserialmente, precisamos retornar uma vez mais à pergunta sobre o que realmente deve e pode ser registrado através desta maneira de levantamento assim organizado. Principalmente através do modo e condições de aplicação das entrevistas, para as quais colaboram sempre vários informantes cuidadosamente escolhidos, apoiando-se mutuamente e também se corrigindo entre si, pode ser obtido um recorte, restrito pelo questionário e pela situação da entrevista, da competência lingüística ativa dos informantes, diferenciada conforme a série 1 e série 2. O recorte de competências levantado através da série 1, quando se considera os valores médios, distingue-se claramente dos dados da série 2 pelo seu maior grau de dialetalidade. O estudo de uma amostragem de 100 palavras (= 20% da série 2) coletadas em 24 pontos de inquérito do MRhSA levou a um primeiro resultado (HERRGEN & SCHMIDT 1989: 311-313): a análise quantitativa das diferenças de traços, levando-se em conta as formas de comparação da língua padrão, mostra um contraste de dialetalidade médio de 9% da série 1 para a série 2, de maneira que os informantes da série 2 ainda conservam o índice elevado de 91% da dialetalidade estabelecida para a série 1. Isoladamente, os contrastes, que assim representam quantitativamente o enfraquecimento do dialeto, oscilam entre 2,4%, como mínimo, e 18,7% como valor local máximo, de modo que, mesmo no último caso citado com o valor máximo de enfraquecimento para a série 2, mantêm-se ainda 81,3% da dialetalidade inicial, com os quais portanto o nível da língua padrão falada, com valor de dialetalidade nulo (ou próximo do nulo), ainda está longe de ser alcançado. Este valor de dialetalidade, inclusive para a série 2 muito

elevado e ainda muito determinante, é uma consequência dos numerosos casos isolados de contrastes nulos. De qualquer maneira, no nosso levantamento de dados bisserial, permanecemos, também com a série 2, ainda no terreno do dialeto. Dizemos: com a série 1 captamos o dialeto de base acessível hoje; por outro lado com a série 2 obtemos um dialeto regional, (ou formulado de maneira mais cautelosa) material lingüístico regionalmente dialetal. Não abrangemos de forma alguma o que os dialetólogos e sociolingüistas alemães chamam de “linguagem coloquial”. Esta, provavelmente, não pode ser explorada por nosso método. Para realizar um recorte adicional em um ponto ainda mais alto do contínuo vertical, poder-se-ia cogitar do método do teste de leitura (cf. KÖNIG 1989: 17), com o qual no entanto seria levada em conta apenas a gramática fônica.

3. QUATRO EXEMPLOS

Passo à análise de quatro amostras mapas, me detendo às folhas de mapas de contraste, com a intenção de destacar sobretudo o que há de novo no nosso modo de trabalho. Os exemplos provêm de partes muito diferentes do programa de publicação do MRhSA. O exemplo 1 pertence ao primeiro volume referente aos ‘Ditongos do Médio Alto-Alemão’, que está em vias de ser publicado. Os exemplos 2, 3 e 4 apresentam uma antecipação dos próximos volumes relativos aos ‘Consonantismo’ e à ‘Morfologia’.

Por motivos técnicos, sobretudo pensando na forte redução que, aqui, tem de sofrer o tamanho da página, deixamos de fora, nos mapas deste artigo, o segundo plano, equivalente ao mapa básico (que serve de pano de fundo). Este é, por isso, apresentado à parte como introdução aos **mapa 1 a 4** (v. acima).

3.1. Médio alto-alemão *ei* em *Kleid* (acusativo singular) - Mapa 1

Os “continuantes” do médio alto-alemão (mhd.) *ei* são, na nossa área de trabalho, em parte monotongos longos que se estendem de [e:] até [ɔ:], e em parte ditongos (de [ei] até [ɔi] e, como tritongo, até mesmo [uɔi]). Nos mapas parciais das folhas de contraste respectivamente localizados à direita, os símbolos em cor preta, mostram, como já mencionado, a coincidência dos dados da série 2 com os da série 1, quer dizer, contraste nulo. Nos concentraremos nos símbolos vermelhos que indicam e põem em relevo os contrastes interseriais.

Os contrastes apontam para três tendências principais:

1. Na área de atração relativa à cidade de Mainz, [ɔ:] e [a:] velar são substituídos por [a:] palatal, um fonema que pertence tanto ao sistema do alemão padrão, como também aos sistemas dos dialetos regionais.
2. Principalmente junto ao Reno, observam-se, como é de esperar, diversas ocorrências da forma padrão [ai], em parte como variante intrasserial e

intralocal ao lado de uma forma mais antiga. (Cf. as ocorrências do mapa separadas por vírgula.) Ao sul de Mainz, aparecem, aparentemente como forma mista, ocorrências do ditongo longo [a'i] ou semelhante.

3. A maioria dos casos de contraste deste mapa referem-se a [e:] vs. [ɛ:]. A primeira variante, fechada, dá lugar à segunda, notoriamente nos arredores de Kaiserslautern - Neustadt/W., bem como ao sul do rio Mosela perto de Bernkastel-Kues. O [ɛ:] aberto normal aparece também – do lado oposto – como produto de substituição da variante extremamente aberta [æ:], na zona limítrofe no norte do Palatinado perto de Rockenhausen.

O contraste [æ:] / [ɛ:] merece atenção especial no Sarre. A série 1 mostra a ocorrência mista de [æ:] e [ɛ:]. A série 2 conserva essa mistura e a varia de maneira incomum. No lugar de seis ocorrências locais de [æ:] na série 1, aparecem ocorrências de [ɛ:] na série 2, enquanto que em seis outros pontos de inquérito são substituídas as ocorrências de [ɛ:] da série 1 por [æ:] na série 2, portanto no sentido contrário. Como se pode interpretar, à primeira vista, este resultado controverso? A resposta será que, aqui, ainda não está decidida a direção que será adotada pela mudança lingüística, a qual leva à substituição. Ela pode desenvolver-se, considerando uma região menor à margem dos limites geográficos da língua alemã, em direção tanto para o fonema E aberto, quanto para E fortemente aberto. (As características do sistema fonêmico envolvido não parecem ser amparadas por nenhum dos lados.) No que diz respeito ao seu valor sociolingüístico, ambos (ainda) não são marcados como suficientemente interligados. Tais **contrastos flutuantes** remetem, por conseguinte, a uma **variação** inicialmente ainda **não-direcionada** que se encontra em uma nítida oposição com os contrastes variativos claramente direciados, os quais apresentamos acima. Trata-se, aqui, de um caso que ilustra um parcial “ocupar-o-lugar-de...” (*Auf-der-Stelle-Treten*) da mudança lingüística.

O **diagrama de frequência**, que irá substanciar cada mapa de contraste nos volumes do atlas a serem publicados, fornece uma explicação mais clara ao menos sobre a tendência de desenvolvimento de uma área mais extensa do domínio de E. Vê-se que, sobre a área total, tanto [ɛ:] como também [æ:] apresentam um retrocesso, diante do forte aumento das ocorrências de [e:]. O modelo [e:] é o que se propaga às custas dos outros, aliás também às custas das variantes de [a:]. Ele representa uma forma de dialeto regional que, neste caso, se compõe, de modo notável, como **divergente do padrão**. Mostram, igualmente, uma tendência progressiva as ocorrências de [ai], as quais convergem com o padrão, porém assumindo por enquanto pouca importância devido à sua fraca frequência de uso.

3.2. Médio alto-alemão (Mhd.) *d* (intervocálico) em *Kleider* (acusativo plural) - Mapa 2

Como exemplo do consonantismo, apresento aqui o rotacismo do mhd. *d*.

O rotacismo, portanto a evolução de obstruintes dentais em posição inter-vocálica para *r* dental-alveolar, é ou foi também regionalmente em outros dialetos alemães amplamente difundido (SCHIRMUNSKI 1962: 317-319). O rotacismo de *d*, ao qual nos restringimos aqui, aparece na área de trabalho do MRhSA, segundo o levantamento para a série 1, como uma área compacta situada a sudeste de uma linha entre Saarbrücken e Koblenz.

Em decorrência do rotacismo, desenvolveu-se para o *r* primário, mais antigo, um *r* secundário. Estruturalmente, a oposição “oclusiva vs. [r]” parece ser neutralizada na posição intervocálica, pois [d] e [r] se alternam: *kle:d* (singular) – *kle:rər* (plural) entre outros. Segundo a literatura, existe uma tendência de distinguir o *r* secundário do *r* primário, na medida em que é articulado o correspondente dental-alveolar secundário e o uvular primário. Hoje, o *r* secundário é considerado uma marca dialetal forte. Seu uso é marcado sociolinguisticamente, e existe a tendência de restringir o rotacismo e seus fenômenos concomitantes (p. ex. NEWTON 1973: 38; HALFER 1988: 16). Este fato também poderá ser percebido no mapa de contraste elaborado para o MRhSA:

1. Espalhado densamente pela área total de estudo, com concentração nas zonas de atração das cidades de Mainz e Ludwigshafen, bem como na parte leste do Sarre, verifica-se uma ampla restituição da oclusiva *d*. A completa restituição de *d* encontra-se mais raramente no lambdacismo (*kle:l*-)⁵ – documentado com seis ocorrências na série 1.
2. Além disso, observamos a substituição do [r] secundário, conhecido até agora apenas como dental-alveolar, por um [R] secundário uvular, principalmente entre Koblenz e Bingen, e também no oeste do Sarre. Portanto, um enfraquecimento do rotacismo pode produzir [R], não só através da sua substituição restitutiva, mas também através da adaptação fônica ao *r* primário. Entre Oppenheim e Worms, percebe-se, como resultado do rotacismo, uma oscilação variacionais entre as duas qualidades de *r*.

3.3. O morfema *-iu* no médio alto-alemão (Mhd.) (acusativo feminino singular) - Mapa 3

Em terceiro lugar, será apresentado um exemplo da morfologia flexional: (*schön*)-e no grupo nominal *eine schöne Birne* (‘uma pêra bonita’). A valoração sociolinguística e, dirigido por esta, o desenvolvimento areal do morfema flexional que o contraste das séries permite reconhecer, têm de ser vistos em correlação com o morfema radical. Ao todo, observam-se no mapa cinco tipos principais. O tipo [je:nə] e equivalentes, que se encontra mais próximo do padrão, aparece com poucas ocorrências apenas perto de Koblenz. De resto, sempre que se pressupõe

uma forma histórica de *schön-e* – portanto com nivelamento do morfema – esta aparece com a apócope de *e* final, isto é

1. no noroeste, com redução da vogal temática e guturalização do *n* agora final como [jiŋ],
2. no norte e amplamente difundido no centro, com a manutenção do *n* final do radical, como [je:n], [jē:n] e equivalente,
3. alternando com este em pequenas áreas, por exemplo na mesma área com o desaparecimento de *n* e a nasalização substitutiva da vogal temática, como [jē:] e equivalente, que, como mostra o contraste no mapa à direita, continua a ser substituído por [je:n], logo com preservação de *n*, e
4. por último, no sudeste, em uma área fechada, [je:ni], o arcaísmo, que também ocorre no suábio, no alemânico e na parte meridional do francônio oriental, no acusativo e nominativo femininos do adjetivo em função atributiva, o qual dá continuidade ao mhd. *-iu* desarredondado (SCHIRMUNSKI, 1962: 466-467).

Devido ao seu caráter arcaico e sua posição isolada no sistema morfológico flexional, poderíamos tender a prognosticar, para [je:ni], fortes perdas na série de dados 2. Estas, porém, não se fazem observar. Mais do que isso, permanecem não apenas mantidas as ocorrências de [je:ni] da série 1, como também [je:ni] se propaga na zona fronteira até mesmo às custas de [jē:]. O motivo pode ser facilmente compreendido: [jē:] com nasalização da vogal, esta um traço estigmatizado (THINNES, 1981: 416 acima), equivale não apenas em relação a [je:n], mas também em relação a [je:ni], à variante mais fraca na formação e difusão do repertório de formas do dialeto regional. Afinal dominam os concorrentes com manutenção de *n* e restituição de *n*. E a forma com *i* [je:ni] lucra com o maior valor lingüístico-social do morfema radical completo, oposto ao valor inferior de [jē:], atingido pela mudança deformante que resulta do desaparecimento de *n* e da nasalização da vogal. A integridade do morfema radical desempenha, na escolha feita para o dialeto regional, um papel mais determinante do que a natureza qualitativa da sílaba átona. Ela ocupa evidentemente um lugar muito superior na difícil hierarquia dos traços dialetais, os quais exercem uma função de comando no processo de clarificação do dialeto regional e na dinâmica areal desencadeada por este.

3.4. Dois verbos auxiliares da voz passiva: *werden* vs. *geben* - Mapa 4

Em alemão, a perífrase da passiva ocorre em geral através do verbo auxiliar *werden*. A posição 15.3 do questionário do MRhSA “*Das Brot wird im Backofen gebacken*” (‘O pão é assado no forno’) comprova como particularidade do francônio moselano meridional (*Moselfränkisch*) o uso da variante geolinguística de uma passiva com *geben*: *Das Brot gibt* [jid], [git] ... *gebacken*,

⁵ Articulação espirantizada de *d* (ð), considerada como estágio de transição para o rotacismo e lambdacismo (CHRISTMANN, 1924/25: 214-215; E. MÜLLER, 1929: 8-9), não foi mais determinada com segurança no levantamento de dados para o MRhSA.

que está bem documentado na literatura, também no letzeburguês (p. ex. MÜLLER RhWb 2., 1931: 1074; Luxembg. Wb 2. 1955/62: 57-58). No contato interregional e vertical, a passiva com *geben* se apresenta hoje como um desvio fortemente marcado e incomum, para o que se constata, em consequência disso, um retrocesso no seu uso (p. ex. NEWTON 1973: 39). Assim, também o mapa de contraste do MRhSA mostra – ainda que apenas superficialmente – o retrocesso de *gibt* na parte sudeste, em relação à voz passiva com *werden* do dialeto do Palatinado e de outras áreas. O desaparecimento de *gibt* verifica-se igualmente em torno da cidade de Koblenz, onde são substituídas três ocorrências da série 1.

Por outro lado, parece não haver explicação para a tendência, no sentido contrário, da ocorrência de *gibt* em quatro localidades vizinhas dos distritos de Daun e Cochem-Zell para a série 2, onde foi levantado *wird* para a gravação da série 1. Aqui, são portanto os mais jovens, quem usam – em oposição aos mais velhos – o arcaísmo. A explicação para a **inversão do contraste** decorre, nessa área conservadora, da tendência de desdobramento verificada aqui no sentido da consolidação areal por meio da “circundação” areal. É preenchida a lacuna na borda oriental da área de *gibt*, do mesmo modo que se abdica, de outro lado, das ocorrências expostas de *gibt*. De qualquer maneira, os habitantes da região onde se encontra o aumento do uso de *gibt* dominam, na sua competência lingüística passiva, a variante *gibt*. A geração intermediária desejou ativar esta variante. Dever-se-ia verificar se a ativação foi favorecida por uma direção preferencial na migração diária de ida e volta entre a residência e o local de trabalho.

Em contrapartida, os casos isolados de inversão de contraste que aparecem nos mapas podem estar condicionados pelo estresse da situação de entrevista, logo por motivos psíquicos e, de qualquer forma, individuais. Esses casos não têm valor explanativo para a interpretação do mapa bidimensional.

4. RESUMO

A visão geral e sucinta sobre os mapas 1 a 4 apresentou amostragens de três domínios objetivos da gramática (vocalismo, consonantismo, morfologia), tradicionalmente levados em consideração nos atlas lingüísticos pelo fato já de sobretudo eles serem vistos como geolingüisticamente produtivos. Além disso, deveria ser dada exemplarmente uma visão das possibilidades de explanação e do espectro de tarefas da geografia lingüística vertical-contrastiva, isto é, da geografia lingüística operada bidimensionalmente. Através da visão quase estereoscópica, os contrastes e tipos de contraste determináveis em uma região possibilitam ao interpretador enunciados mais confiáveis sobre as distintas tendências, que em dado momento predominam na mudança no subpadrão lingüístico, com referência à competência do falante. A mudança lingüística, que é alcançada através da mudança do comportamento lingüístico como mudança de competência, tem como pré-requisito o deslocamento das áreas do contínuo que são privilegiadas pelos

grupos no interior dos aspectos variacionais verticais das competências. Este processo é desencadeado pela mudança social, que se manifesta na alta mobilidade horizontal da geração intermediária, tal como é registrada pela série de dados 2. Isso mostra que a competência (ativa) destes grupos de informantes cada vez mais muda de orientação, indo de normas locais para normas regionais e sobretudo em direção a normas de determinadas zonas de atração. De modo algum, constituem-se em centros dessas zonas de atração, na nossa grande área de trabalho, somente as cidades, mas também pontos cruciais de ordem variada na rede dos movimentos pendulares de ida e volta. Dessa forma, ocorre um desenvolvimento que se afasta do dialeto local e de base e se aproxima do dialeto regional, enquanto que a língua padrão falada constitui apenas excepcionalmente, por exemplo na direta proximidade com uma cidade grande, alvo de tal desenvolvimento. “Dialeto regional” é um conceito fortemente simplista que, por enquanto, visto de maneira mais precisa, explicita algo apenas sobre a tendência genérica e não sobre regiões lingüísticas de fato, visivelmente contrastadas. A tendência genérica consiste na perda de fronteiras (*Entgrenzung*) e eliminação dos repertórios de formas restritas a pequenas áreas; e ela consiste – na verticalidade – na diminuição (relativa às causas, para o processo areal) dos picos de dialetalidade extremos. Deve-se resumir desta forma os múltiplos processos de substituição que aparecem nos mapas de contraste. Pois a regionalização dos dialetos é uma mudança lingüística que vai ocorrendo no caminho da substituição.

A dissolução e reorganização dos dialetos locais em dialetos regionais efetua-se, em uma parte considerável, de maneira divergente do padrão e, de resto, – do ângulo do levantamento de dados bisserial – visivelmente hesitante.⁶ Assim observamos um amplo “ocupar-o-lugar-de...” da mudança substitutiva, quando consideramos também os freqüentes contrastes nulos, os pares de variantes locais apontados nos mapas e o estado variativo discutido juntamente com o contraste flutuante, não direcionado (cf. 3.1.3). A inversão de contraste, portanto um aumento da dialetalidade, aparece somente como uma exceção, mas não está excluída (cf. 3.3), como se mostrou. De resto, a mudança substitutiva não se realiza linearmente, mas item por item e não em toda a parte pelo caminho mais curto e direto. O tratamento quantitativo dos dados proporciona uma impressão realista da direção geral adotada pelo fenômeno e uma imagem sumária também da intensidade dos processos de mudança diferentemente eficazes. Deveria por isso acompanhar a cartografia lingüística bidimensional, apresentando um resultado adicional deste método. O enfoque quantitativo dá-se de duas maneiras: primeiro, para o item lingüístico (isolado) cartografado (palavra-chave do mapa), isto é interno e paralelo ao mapa através de diagramas de freqüência contrastivos. Por outro lado, expandindo o âmbito dos mapas, através de análises da dialetalidade – igualmente contrastivas – em maiores quantidades de dados lingüísticos, onde deve

⁶ O processo de identificação da idade do dialeto no seu uso individual (cf. THINNES, 1981: 188) não será tratado aqui.

ficar conceitualmente claro que a dialetalidade, denominada desta forma, seja medida na verticalidade, na dimensão da socialidade. As medições de ambos os tipos mostram, tanto quanto podemos observar até agora, os valores de dialetalidade inferiores para os grupos de informantes com mobilidade e mais jovens. Em contrapartida, é a interpretação qualitativa que aprofunda nosso conhecimento sobre os mecanismos gerais da mudança, específicos do momento atual, e que se verificam na linguagem coloquial falada mais distante do padrão.

A pergunta formulada no título deste artigo deve ser, por fim, respondida afirmativamente: é possível, do ponto de vista das técnicas de levantamento e cartografia, e vale a pena, pelos resultados que produz, apresentar geolinguisticamente a arealidade e socialidade, pelos menos no âmbito do subpadrão inferior, não de forma isolada, mas em interdependência e em contraste uma em relação a outra, sempre pressupondo entretanto que se efetue o levantamento dos dados com suficiente exatidão.

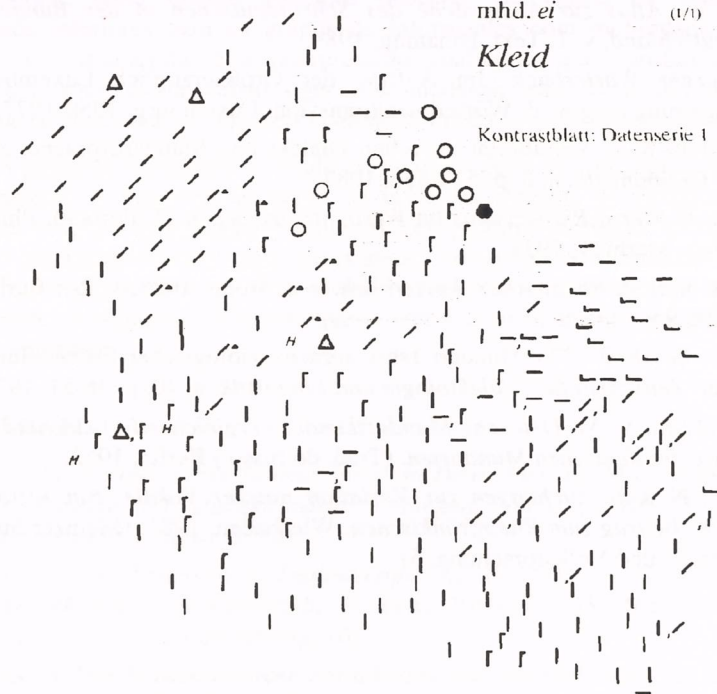
BIBLIOGRAFIA

- BELLMANN, G. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, K. J. (ed.). *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen, 1983. p. 105-130. (Reihe Germanistische Linguistik, 46)
- BELLMANN, G. *Zweidimensionale Dialektologie*. In: BELLMANN, G. (ed.). *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart, 1986. p. 1-55. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 10)
- BELLMANN, G. *Der Mittelrheinische Sprachatlas und das Pfälzische*. In: KLEIBER, W. (ed.). *Symposium Ernst Christmann. Vorträge zur Dialektlexikographie, Sprachgeographie und Volksforschung des Westmitteldeutschen*. Stuttgart, 1987. p. 75-87. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 11)
- BELLMANN, G.; HERRGEN, J. & SCHMIDT, J. E. *Der Mittelrheinische Sprachatlas (MRhSA)*. In: VEITH, W. H. & PUTSCHKE, W. (eds.). *Sprachatlanten des Deutschen. Laufende Projekte*. Tübingen, 1989. p. 285-313. (Studien zum Kleinen Deutschen Sprachatlas, 2)
- BICKERTON, D. The Nature of a Creole Continuum. *Language*, v. 49, n. 3, p. 640-669, 1973.
- CHRISTMANN, E. Die Wandlungen des germ. Reibelautes *p* und des germ. Verschußlautes *d* zwischen Vokalen in den Mundarten der Rheinlandpfalz. *Teuthonista*, n. 1, p. 214-218, 1924/25.
- HALFER, M. *Die Flurnamen des oberen Rheingtals. Ein Beitrag zur Sprachgeschichte des Westmitteldeutschen*. Stuttgart, 1988. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 12)
- HERRGEN, J. & SCHMIDT, J. E. *Dialektalitätsareale und Dialektabbau*. In: PUTSCHKE, W.; VEITH, W. H. & WIESINGER, P. (eds.). *Dialektgeographie und Dialektologie*. Günter Bellmann zum 60. Geburtstag von seinen Schülern und Freunden. Marburg, 1989. p. 304-346.
- KÖNIG, W. *Atlas zur Aussprache des Schriftdeutschen in der Bundesrepublik Deutschland*, v. 1. Text. Ismaning, 1989.
- Luxemburger Wörterbuch*. Im Auftrag der Großherzoglich Luxemburgischen Regierung hrsg. v. d. Wörterbuchkommission. Luxemburg, 1950-1977. 5 v.
- MATTHEIER, K. J. Variabilität zwischen Dialekt und Standardsprache. *Zeitschrift für Germanistik*, n. 8, p. 544-558, 1987.
- MÜLLER, E. *Der d-Rhotazismus im Westmitteldeutschen* (Teildruck). Phil. Dissertation. Marburg, 1931.
- MÜLLER, J. et al. *Rheinisches Wörterbuch*. v. 1: Bonn, 1928; v. 2--: Berlin, 1931-1971. 9 v.
- NEWTON, G. 1870-1970: Hundert Jahre sprachsoziologischer Entwicklung an der Saar. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, n. 40, p. 36-51, 1973.
- SCHIRMUNSKI, V. M. *Deutsche Mundartkunde. Vergleichende Laut- und Formenlehre der deutschen Mundarten*. (Trad. do russo.) Berlin, 1962.
- THINNES, N. *Untersuchungen zur Variation nasaler Vokale. Ein soziolinguistischer Beitrag zum Rheinfränkischen*. Wiesbaden, 1981. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 5)

mhd. *ei* (1/1)

Kleid

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- | | | |
|------------------|----------------------------|------------------------------|
| / e:, e' | △ ei | • a im Diphthongoid |
| e:, e' | △ ei bis zur Überlänge | ° Wegfall eines Diakritikums |
| [æ:, æ', a:] | □ ei | o Wegfall einer Variante |
| — æ:, q: | ○ ai, ai, ai | |
| — ai, q:, ai, q: | ○ ai, ai, ai, ai Überlänge | H Hieronymik |
| | ● uai | |

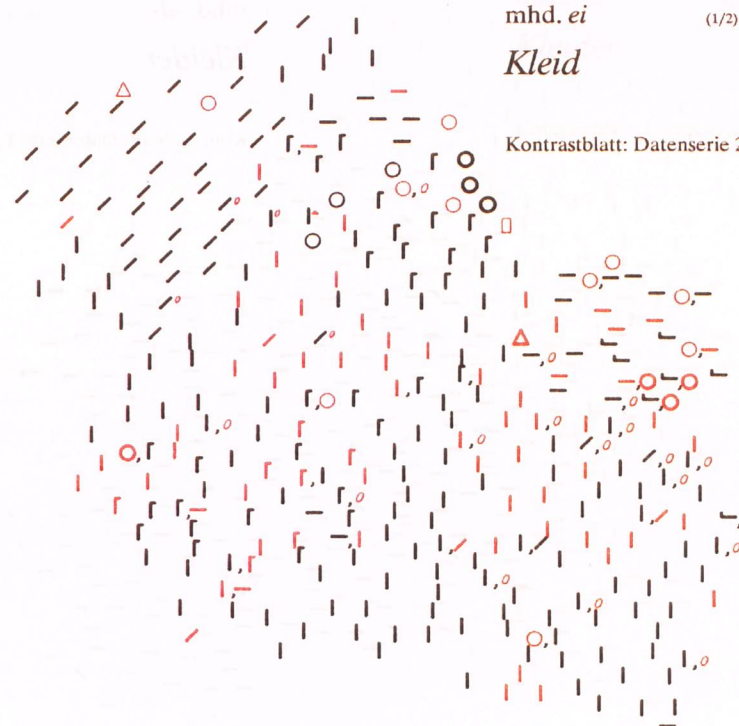
Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o u d r u c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 1

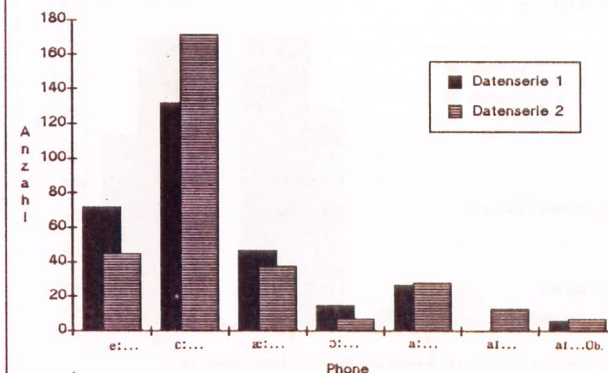
mhd. *ei* (1/2)

Kleid

Kontrastblatt: Datenserie 2



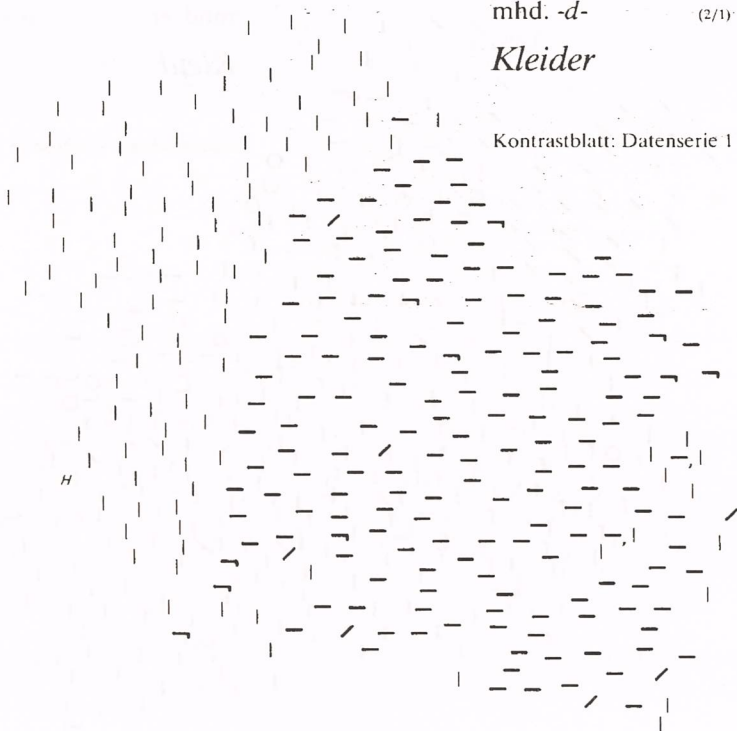
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



mhd. -d- (2/1)

Kleider

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- | d
- r
- R
- / l
- o Wegfall einer Variante

H Heteronymik

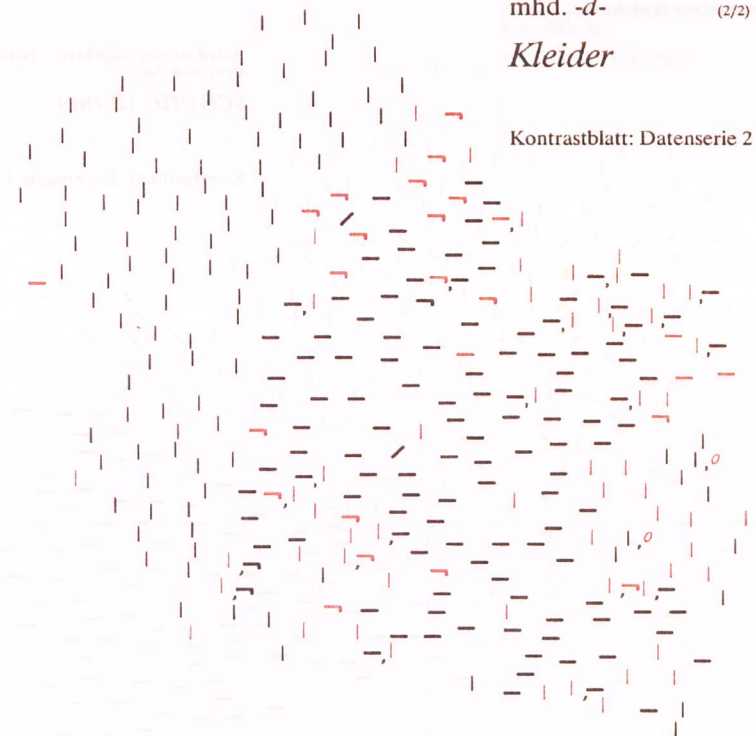
Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch
Rotdruck bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 2

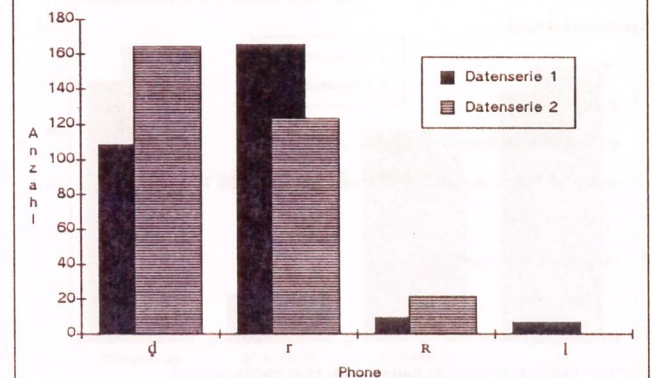
mhd. -d- (2/2)

Kleider

Kontrastblatt: Datenserie 2



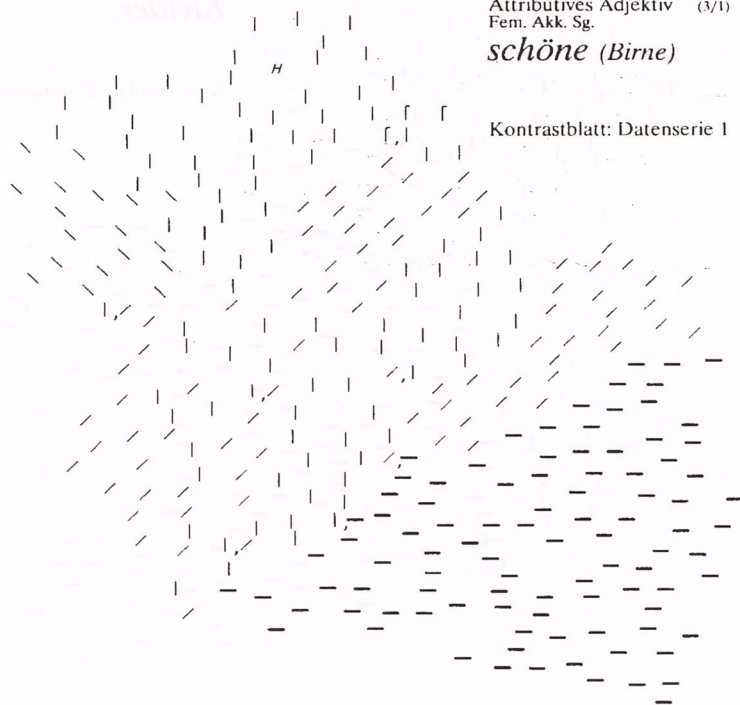
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



Attributives Adjektiv (3/1)
Fem. Akk. Sg.

schöne (Birne)

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- ┌ -e
- | e-Apokope
- \ η-Auslaut beim Stammorphem + e-Apokope
- / n-Ausfall (mit Vokalnassierung) beim Stammorphem + e-Apokope
- -t
- o Wegfall einer Variante

H Heteronymik

Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o t d r u c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 3

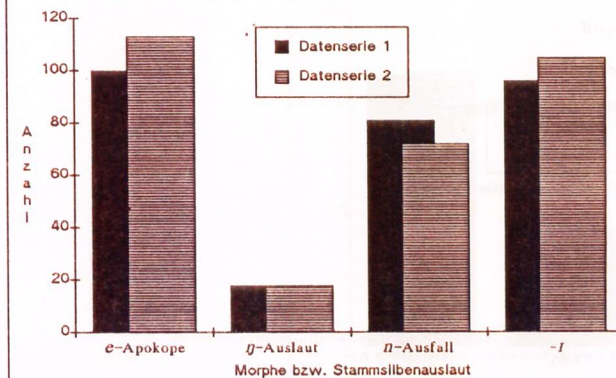
Attributives Adjektiv (3/2)
Fem. Akk. Sg.

schöne (Birne)

Kontrastblatt: Datenserie 2



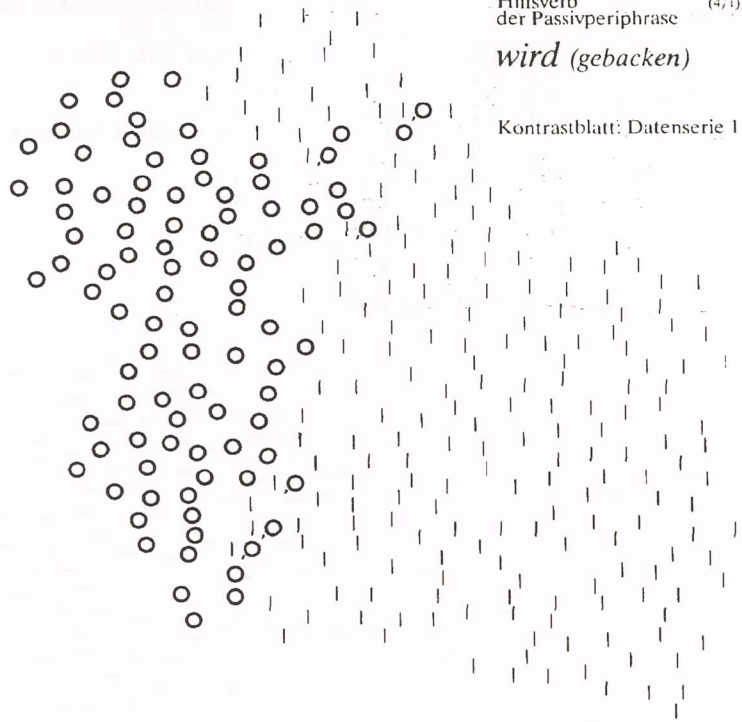
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



Hilfsverb
der Passivperiphrase (4/1)

wird (gebacken)

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- | *wird*
- *gibt*
- Wegfall einer Variante
- ✓ Explorationsschwierigkeiten

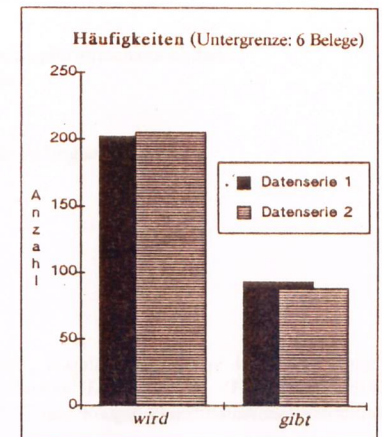
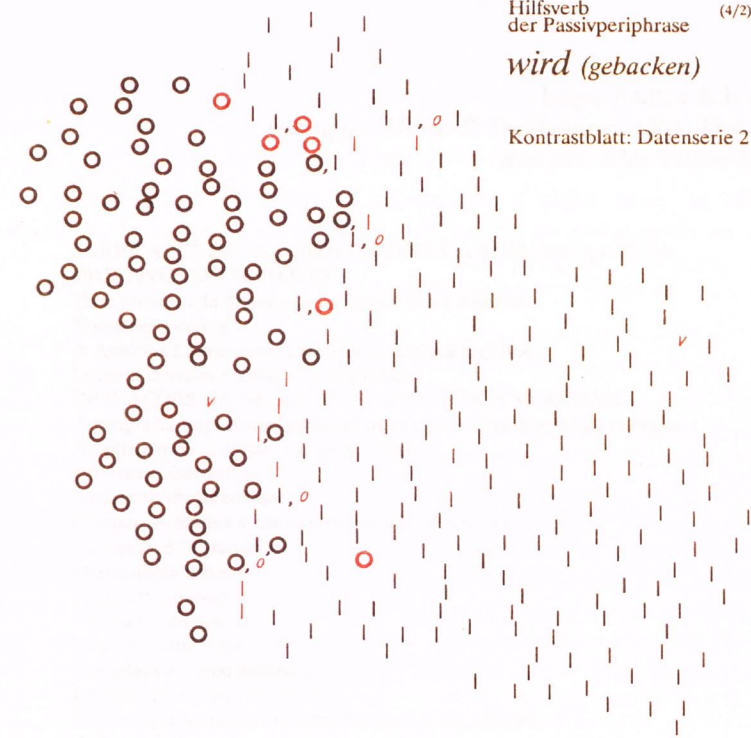
Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o t d r u c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 4

Hilfsverb
der Passivperiphrase (4/2)

wird (gebacken)

Kontrastblatt: Datenserie 2



Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço¹

Edgar Radtke & Harald Thun

Tradução: Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf²

Revisão: Cléo Vilson Altenhofen³

1. SOBRE A "CRISE" NA GEOLINGÜÍSTICA ROMÂNICA ATUAL
2. OBJETIVOS DO SIMPÓSIO
- 2.1. Tirar proveito da divisão da geolingüística românica
- 2.2. Nossa perspectiva
- 2.3. A América Latina como centro de interesses regional
- 2.4. Línguas crioulas e geografia lingüística
3. INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA MODERNA
- 3.1. A geografia lingüística / geolingüística como ciência geral da variação
- 3.2. Ampliação do inventário de parâmetros
- 3.2.1. Parâmetro diastrático
- 3.2.2. Parâmetro diageracional
- 3.2.3. Elucidação teórica e consequências metodológicas
- 3.2.3.1. Diatópico é "estrático"
- 3.2.3.2. Dialectologia urbana
- 3.2.4. Parâmetro diassexual
- 3.2.5. Parâmetro diafásico
- 3.2.6. Saber metalingüístico
- 3.2.7. Topostática e topodinâmica
- 3.2.8. Inclusão do contato lingüístico
- 3.3. Problemas decorrentes e caminhos para a sua solução
- 3.3.1. Definição dos parâmetros
- 3.3.2. Representatividade através da pluralidade de informantes
- 3.3.3. Documentação do polimorfismo
- 3.3.4. *Continuum* ou *Gradatum*
- 3.3.5. Representação gráfica do polimorfismo e da pluridimensionalidade
- 3.3.6. Novas técnicas de processamento de dados
- 3.3.7. A cooperação técnica
- 3.3.8. Sistema de transcrição
- 3.4. Inclusão de níveis complexos da estrutura da língua
- 3.4.1. Sintaxe
- 3.4.2. Entonação
- 3.4.3. Textos
- 3.4.4. Procedimentos paralingüísticos
- 3.5. A geolingüística e as ciências adjacentes
4. UMA VISÃO DE CONJUNTO

¹ Publicado originalmente in: RADTKE, Edgar / THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 01-24. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

² Instituto de Letras – UFRGS.

³ Instituto de Letras – UFRGS.

1. SOBRE A “CRISE” NA GEOLINGÜÍSTICA ROMÂNICA ATUAL

Falar da “crise” de uma disciplina é algo bem visto no “discurso” das ciências modernas. Tal crítica global não significa muito para o geolinguísta, quando proferida por um colega distante, pouco engajado no trabalho empírico. Mas quando este percebe decair, nas disciplinas adjacentes, o interesse pela geografia lingüística e se tornar raro o surgimento de jovens pesquisadores na própria área e, com isso, se enfraquecer a pesquisa geolinguística, então passa a se inquietar.

Não se pode negar a interrupção da pesquisa geolinguística e isso justamente na romanística de língua alemã. Com isso, parece que se perdeu a função da geografia lingüística como ciência direcionadora, da qual outras disciplinas esperam novos conhecimentos.

A verdadeira ou suposta crise manifesta-se sobretudo na crítica aos pressupostos teóricos da dialetologia em geral e, com isso também na geolinguística românica, bem como no seu distanciamento da realidade. Assim se pretende dar a entender que a dialetologia e a geolinguística teriam sido superadas por ciências como a sociolinguística, a pragmática, a psicolinguística, a lingüística de contato, a pesquisa oral e de expressão escrita, por não terem encontrado conexão com o mundo moderno da cidade, com a mobilidade populacional e com os meios de comunicação de massa. Em poucas palavras: a geografia lingüística estaria ultrapassada e obsoleta. Tal generalização exclui a possibilidade de que, no futuro, as ciências mencionadas possam, em algum momento, aproveitar os frutos da geografia lingüística, ainda assim a mais empírica dentre as disciplinas lingüísticas descritivas.

Ao se registrar o “out put” geolinguístico, ou melhor, a produtividade de nossa disciplina, também poderia ser identificada uma crise estrutural e organizacional. Em diversas áreas da România, se têm formado cemitérios de dados, sendo enterrados, geralmente em total silêncio, projetos inteiros de geografia lingüística. Alguns grandes empreendimentos não resultaram sequer em um volume de mapas, outros em somente um. Muitos projetos não sobrevivem à sua apresentação, outros necessitam de uma quantidade de tempo assustadora até estarem prontos. Aqui encontra-se um problema realmente coletivo, o qual não deveria seguir sendo reprimido, mas sim discutido abertamente.

Mas boa parte da “crise” da geografia lingüística românica pode ser interpretada como uma crise de informação. Isso em dois sentidos. A inegável diminuição do interesse da lingüística em seu ramo auxiliar da geografia lingüística (nós utilizamos o termo “geolinguística” como sinônimo para “geografia lingüística”) é também um “não querer saber”, consequência de uma moda que, no momento, se volta para outras direções e, por isso, não leva em consideração inovações significativas que ocorreram na geolinguística nos últimos anos. Por outro lado, a própria geolinguística não se dá a conhecer de modo suficiente.

Certos geolinguístas ficam admirados quando descobrem que, além dos limites de sua língua, não se está mais procurando somente o “dialeto-base” mais arcaico, se possível livre de contatos.

Nos parece que a geolinguística românica está, na verdade, dividida. Não podemos reconhecer uma crise total, algo como “o apogeu e ponto de mudança de uma doença”. Contudo, o que se observa, por outro lado, é o passo acelerado de alguns para experimentar novos parâmetros, métodos e também meios técnicos, enquanto outros ainda seguem comodamente na via única da variação diatópica.

2. OBJETIVOS DO SIMPÓSIO

2.1. Tirar proveito da divisão da geolinguística românica

Quando organizamos o Simpósio “Novos caminhos da geolinguística românica”, em Heidelberg e Mainz, cujos anais ora apresentamos, não estávamos partindo de uma crise, mas de uma divisão da geolinguística românica. Nós queríamos incitar a um balanço do trabalho realizado e converter essa divisão em algo frutífero, reunindo representantes da geografia lingüística monodimensional, mais antiga, para um diálogo com inovadores. Assim, pensamos, a sólida experiência geolinguística faria transitáveis os novos caminhos. Por isso, foi expressamente solicitado aos participantes do Simpósio que se referissem a questões empíricas e ao tratamento de problemas práticos como organização, coleta de dados e processamento de dados. Por isso, se deu espaço tanto para a discussão quanto para as palestras e, por isso, foram acrescentadas às reuniões de Heidelberg visitas a oficinas em Mainz (no *Mittelrheinischer Sprachatlas*, no *Kleiner Deutscher Sprachatlas*, no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*).

2.2. Nossa perspectiva

Nossa perspectiva própria foi a da geolinguística românica de língua alemã. Em uma época, em que a romanística alemã tende fortemente à autodissolução através da fragmentação, nós queríamos verificar claramente a conexão entre as pesquisas nas distintas línguas românicas. O convite feito a geolinguístas da germanística e da anglística deveria, além disso, auxiliar na superação do déficit de informações interdisciplinares.

2.3. A América Latina como centro de interesses regional

Regionalmente, nós nos voltamos de forma especial à América Latina, não apenas por ser a geolinguística nesses países a menos conhecida pela geografia lingüística européia e pela romanística, mas também porque aqui a romanística alemã encontra possibilidades e obrigações que ainda não lhe parecem estar bem claras. Os países da România européia realizam quase todos suas próprias

pesquisas geolingüísticas no que se refere a grandes atlas regionais e nacionais. Em regiões pequenas (como nos Montes Dolomitas-Ladínia ou no Vale de Arán), ou para novas abordagens metodológicas (por exemplo, na Campânia), sempre há espaço e necessidade para as iniciativas da romanística de língua alemã.

Na América românica, apesar de esforços consideráveis e de projetos de atlas inovadores quanto ao método – assim, por exemplo, na parte francesa do Canadá, no México, na Colômbia e em alguns estados brasileiros – existem ainda muitos espaços em branco no mapa geolingüístico (veja-se THUN, H. [1992], *Atlanti linguistici dell'America latina*. In: G. RUFFINO [ed.], *Atlanti linguistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto*. Palermo: 231-271). Com sua sólida infra-estrutura acadêmica e, sobretudo, com seu inerente posicionamento apartidário e seu tradicional interesse imparcial por todo fato lingüístico, a romanística germanófona deveria vir auxiliar os colegas latino-americanos.

Um terreno completamente novo se ofereceria a ela na pesquisa geolingüística do contato entre as línguas dos recém-chegados românicos e da população americana anterior. Os processos de hispanização e de lusitanização observados aí em grande escala poderiam lançar uma nova luz sobre a velha romanização na Europa.

Não consideramos o estudo de minorias de língua alemã nos países românicos apenas como uma tarefa, mas como uma verdadeira obrigação da romanística de língua alemã. Verifica-se, principalmente na América Latina, uma necessidade imperiosa de recuperar o terreno perdido na pesquisa dessas situações de contato germano-românico. Isso se torna especialmente evidente quando comparamos os escassos estudos monográficos que se têm publicado sobre os grupos de falantes alemães na América hispânica e lusa com a grande quantidade de trabalhos pontuais e inclusive já geolingüísticos existentes (por exemplo GILBERT, Glenn G. [1972], *Linguistic Atlas of Texas German*. Marburg), sobre o contato inglês-alemão na América anglo-saxônica. A supremacia germanística se deve, certamente, também ao seguinte motivo:

Tanto os germanistas norte-americanos como os alemães dominam normalmente ambas as línguas (na verdade, grupos de variedades) que se reúnem no contato lingüístico inglês-alemão.

Quem, no entanto, poderá realizar o mesmo trabalho para a América Latina, se não a romanística de língua alemã em colaboração com a germanística européia e com os poucos germanistas (de origem alemã) da América Latina? O fato de que essa grande área de pesquisa precisa ser encarada de forma conjunta comprova-se através das atividades, ou melhor, das não-atividades realizadas até agora. A germanística alemã pouco estudou o contato lingüístico alemão-latino-americano, provavelmente por falta de conhecimento das línguas românicas. A germanística latinoamericana, de débil formação, se ocupa quase exclusivamente com a literatura alemã. Entre os hispanistas e lusitanistas latinoamericanos, além

do interesse prioritário pelos próprios temas “românicos”, costuma faltar o conhecimento da língua alemã. (Uma impressão do quanto são multifacetados e difundidos esses contatos lingüísticos teuto-latino-americanos, obtém-se nos correspondentes capítulos da visão geral de BORN, J. & DICKGIESER, S. [1989], *Deutschsprachige Minderheiten*. Mannheim.) Nosso Simpósio deveria direcionar interesses e energias para esse campo de pesquisa, situando-o porém nos moldes mais gerais da concepção geolingüística das situações de minorias.

2.4. Línguas crioulas e geografia lingüística

Deveria ser dado um impulso inovador à pesquisa geolingüística das línguas crioulas românicas. No que concerne às línguas crioulas francesas, tem-se que os departamentos de além-mar estão incluídos no programa dos atlas lingüísticos franceses. Os primeiros dois volumes do atlas lingüístico de La Réunion mostram, contudo, que aqui não se aproveitou a oportunidade de abandonar os caminhos tradicionais do NALF. O tratamento prioritariamente monoparamétrico dos grupos populacionais europeus e a confusa imagem cartográfica não permitem perceber muito bem a influência da crioulistica e de técnicas de outros projetos de atlas (cf. BOLLÉE, A. [1993], “Der Atlas linguistique et ethnographique de la Réunion”. In: O. WINKELMANN, *Stand und Perspektiven der romanischen Sprachgeographie*, Wilhelmsfeld: 193-206). No Simpósio, não houve ninguém que falasse sobre a geolingüística das línguas crioulas. Talvez pelo menos estes anais tenham o efeito de estimular a pesquisa nessa área.

3. INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA MODERNA

3.1. A geografia lingüística / geolingüística como ciência geral da variação

Ficou claro, durante o Simpósio, que a geolingüística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação, no sentido amplo do grego *diálektos*. Essa ciência deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se “geografia lingüística” ou “geolingüística”, mas sim chamar-se “ciência da variação” (*Variationswissenschaft*) ou algo equivalente.

3.2. Ampliação do inventário de parâmetros

A variação “diatópica” ou “areal” mencionada anteriormente, à qual a geografia lingüística, como é conhecido, se tem restringido, quase sem exceção, até nossos dias, é pelo contrário ampliada em não poucos dos projetos apresentados no Simpósio. Isso vale tanto para projetos em fase de planejamento ou em andamento, quanto para projetos já adiantados ou recentemente concluídos.

3.2.1. Parâmetro diastrático

A ampliação mais freqüente realiza-se a partir da combinação do parâmetro diatópico com o diastrático e o diageracional. Isso é o que ocorre, tomando por base os projetos avançados, no *Mittelrheinischer Sprachatlas/Atlas Lingüístico da Renânia Central* - MRhSA (G. BELLMANN e seus colaboradores), no *Atlas lingüístico de México* - ALM (J. M. LOPE BLANCH) e no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* - ADDU (H. THUN & A. ELIZAINCÍN). Enquanto o MRhSA combina, nos informantes de sua segunda série de gravações, os parâmetros “diastrático” (G. BELLMANN fala de *Sozialität* “socialidade”) e “diageracional”, o ADDU os mantém separados.

No *Atlas lingüístico (y etnográfico) de Castilla-La Mancha* - ALECMAN (planejado por P. GARCÍA MOUTON & F. MORENO FERNÁNDEZ), a ampliação da dimensão diatópica para a diastrática se limitou desde o princípio aos pontos urbanos. O *Atlante linguistico della Sicilia* - ALS, cujo extenso programa é descrito por G. RUFFINO, tem previsto, em adição à rede diatópica básica que cobre a área, um “*secondo reticolo variazionale*”. Os pontos a serem explorados nessa segunda etapa foram selecionados, e ainda são selecionados, seguindo análises sociológicas detalhadas, feitas *antes* do levantamento de dados lingüísticos. No ADDU, em contrapartida, e, segundo parece, também no ALM, a variação diastrática se reduziu a uma dimensão monostrática durante a própria entrevista, e isso sempre que não se encontrava representantes de um grupo diastrático de contraste (o que, aliás, se sucedia, no caso do ADDU, normalmente para a classe sociocultural não-baixa). Naturalmente, é melhor traçar um perfil sociológico, antes de iniciar o trabalho lingüístico. Contudo, nem sempre se conta com o tempo necessário para fazê-lo.

3.2.2. Parâmetro diageracional

Na prática, o parâmetro diageracional é significativamente mais fácil de operar do que o diastrático. Através da combinação daquele parâmetro com o diatópico, a geolingüística realiza um desejo que lhe é antigo, qual seja de, em cartas lingüísticas diatópicas, tornar visível a diacronia. A variação diageracional expressa – desde que por meio de uma apresentação cartográfica clara – o “tempo visível”, porque reproduz a convivência das gerações.

Um número considerável de contribuições do Simpósio documentam o valor científico incontestável do parâmetro diageracional inclusive fora dos atlas que abrangem grandes superfícies. A partir de alguns resultados de sua monografia sobre o Vale de Arán, O. WINKELMANN nos mostra a utilidade desse parâmetro para a análise de situações complexas de contato lingüístico “aloglotas”. E. RADTKE, em um estudo prévio para uma investigação mais extensa sobre a Campânia, nos mostra como, ao considerar a variação diageracional e os deslocamentos que se observam nessa dimensão, se pode e se deve precisar o

clássico procedimento de síntese que é o traçado de isoglossas. Desse modo, a isoglossa perde sua má fama de “*terrible simplifcatrice*”. Se existe a possibilidade de estabelecer comparações com entrevistas mais antigas (como neste caso graças ao AIS), o parâmetro diageracional multiplica e condensa os cortes sincrônicos no momento final presente do eixo do tempo.

Em um espaço microdialeológico reduzido, J. BLASER mostra como, no exemplo do município de Bagé (Rio Grande do Sul, Brasil), a “desispanização” (*Enthispanisierung* ou perda crescente dos antigos efeitos do contato lingüístico) pode ser observada na dimensão diageracional. N. DÍAZ, em resultados extraídos de seu estudo sobre uma ilha lingüística vestfaliana no mesmo estado brasileiro, verifica o processo no sentido oposto, isto é, a crescente lusitanização das gerações mais jovens. A contribuição de C. FORTE sobre a pequena cidade argentina de Berisso, onde, devido à imigração, existiu durante certo tempo uma multiplicidade realmente incrível de línguas em um espaço muito reduzido, permite reconhecer que através de um metucioso “panel analysis” diageracional a situação de contato extrema ainda pode ser parcialmente percebida. Contudo, somente em parte. Por isso, lamenta-se que uma análise diageracional não tenha sido realizada mais cedo e quando ainda era tempo. Também nos resultados parcialmente apresentados por H. THUN a partir do estudo da adaptação de um grupo de montevideanos a sua nova cidade de residência (Rivera), o parâmetro diageracional, associado ao diastrático, se mostra relevante: o grupo que mais se acomoda é o da geração de jovens de classe sociocultural baixa; o que menos se adapta é o da geração mais velha de classe sociocultural alta.

3.2.3. Elucidação teórica e conseqüências metodológicas

Várias contribuições do Simpósio assinalam ou permitem concluir que a ampliação do parâmetro diatópico com o acréscimo do diastrático e do diageracional não está isenta de problemas.

3.2.3.1. Diatópico é “estrático”

Por ora, não pode ser afirmado com suficiente clareza que o parâmetro diatópico, contrariamente à metáfora do espaço que o designa, é também “estrático”, porém “monoestrático” (contanto que os informantes, por um descuido imperdoável, não sejam misturados). Isoglossas e fenômenos individuais existem não no espaço mas na fala de grupos que, por sua vez, são estreitamente vinculados a um espaço. Diatópico é monoestrático.

3.2.3.2. Dialetoлогия urbana

É lógico que a diatopia deve inscrever-se também nos pontos urbanos. Grandes centros como Roma (veja-se a contribuição de G. BERNHARD) distribuem

se como “paisagens lingüísticas” tanto quanto as zonas rurais. A dialetologia urbana, muito solicitada e, no terreno da Romanística, ainda estacionada nos seus inícios, precisa ser aperfeiçoada com a sociolingüística em sua área de trabalho predileta, ampliando os aspectos verticais pontuais para uma análise horizontal-espacial e vertical. O ALECMAN prevê uma subdivisão dos pontos urbanos em “barrios”, o ADDU considera pelo menos Montevideu como superfície explorada em seis pontos (bairros com suposta vida lingüística própria). Em todo caso, os novos projetos apresentados no Simpósio deixam claro que ninguém pensa em excluir as cidades através da rede de pontos analisada. Neste sentido, a tradição fundada pelo AIS venceu a mais antiga, em cujos começos se situa o ALF.

3.2.4. Parâmetro diassexual

Na era da emancipação feminina, parece surpreendente que o parâmetro biológico ou “diassexual” seja considerado em tão poucos atlas. Haverá um comportamento especial ligado à variável sexo? As respostas a esta pergunta se tornaram complexas hoje em dia. Além disso, tais respostas atingem, no sentido estrito da interação lingüística, não apenas aos informantes, mas também aos inquiridores.

F. MORENO FERNÁNDEZ traça um quadro geral da discussão, que tem seus inícios já na antiga geografia lingüística, desembocando hoje na sócio- e na psicolingüística. A pergunta geralmente feita, se, devido à sua maior paciência e sensibilidade, as mulheres não seriam informantes melhores, ou se pelo menos teriam melhores conhecimentos sobre temas como administração do lar do que os homens, tudo isso não aponta ainda para a variação diassexual. Mas cedo já surgem perguntas no sentido da variação, para as quais ainda se procura por ora respostas globais, como, por exemplo, se o comportamento lingüístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que o dos homens, ou se a diferença biológica na verdade não seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papéis sociais na sociedade.

Entre os atlas lingüísticos românicos já publicados não temos conhecimento de nenhum que contraste o parâmetro diassexual explícita e sistematicamente nos mapas. Mesmo o *Atlas lingüístico da Paraíba* (cf. M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO), totalmente elaborado por mulheres, não considera a diferença biológica. Já Vanderci de Andrade AGUILERA, em seu *Atlas lingüístico do Paraná* (Assis, 1990, 2 vol.), dá um passo adiante ao assinalar as respostas dadas por informantes femininas com “O” e as dadas por homens com “O”. Contudo, dado que, em princípio, não se inquiriu em todos os pontos informantes de ambos os sexos, este atlas regional brasileiro se configura como explícito quanto à indicação do sexo (masculino ou feminino), porém não é sistematicamente contrastivo. O mesmo vale para alguns mapas do *Atlas lingüístico y etnográfico de Andalucía*.

Entre os atlas planejados que foram apresentados no Simpósio, o siciliano (cf. G. RUFFINO) e o de Castilla-La Mancha (cf. F. MORENO FERNÁNDEZ) prometem ser diassexuais e contrastivos. Nas gravações do último atlas, o ALECMAN, o parâmetro diassexual se aplica também aos inquiridores: mulheres entrevistam a mulheres, e homens a homens. Esse procedimento se inscreve também no capítulo dos avanços nas técnicas de levantamento.

Quanto aos atlas lingüísticos românicos em vias de publicação, ou que se encontram ao menos na fase da cartografia dos dados, o ALM (cf. J. M. LOPE BLANCH) pode ser considerado *potencialmente diassexual*, e o ADDU (cf. H. THUN) *seletivo-implícito* quanto ao parâmetro diassexual. O atlas mexicano (ALM) tem entrevistado em todos os lugares informantes masculinos e femininos separadamente, em parte inclusive mais de um representante de um ou outro sexo. O mesmo critério de separar homens e mulheres não foi aplicado a todos os demais parâmetros (diageracional, diastrático), – o qual haveria duplicado o número de gravações –, mas independente destes parâmetros, de modo que a diferença de sexos funciona, na verdade, somente por casualidade como variável no plano dos demais parâmetros. Por outro lado, nos mapas (ao menos no único volume publicado até o momento) *não* se contrasta a diferença biológica. Os informantes estão representados numericamente, de maneira que há que apelar ao registro correspondente para identificá-los. Devido a essas duas limitações, o ALM é potencialmente diassexual, o que é válido também para outros atlas sempre que tenham entrevistado em um ponto a vários informantes que não sejam exclusivamente homens ou mulheres. No atlas do Uruguai (ADDU), renunciou-se a uma entrevista completa diassexual por razões financeiras e de tempo. Contudo, graças ao princípio da pluralidade dos informantes, realizaram-se, na maioria dos pontos, entrevistas com homens e mulheres, isso inclusive em cada um dos demais parâmetros. Pelo menos para fatos de ordem fônica, é possível apresentar o contraste diassexual explicitamente nos mapas. (É o caso do zeísmo / feísmo, onde as informantes femininas se mostram claramente mais inovadoras que os homens.)

Que alguém faça o esforço de extrair dos atlas já publicados o parâmetro diassexual, é pouco provável. Por esta razão seria de se esperar que os atlas que estão surgindo representem esta dimensão de maneira explícita e contrastiva em seus mapas. Com seu vasto material, a geografia lingüística confirmaria ou corrigiria várias afirmações algo apressadas da sócio- e da psicolingüística, bem como da lingüística feminista.

3.2.5. Parâmetro diafásico

A possibilidade de alcançar a variação diafásica (estilística) existe também na situação de entrevista, se nos mantemos com nossos propósitos dentro dos limites que nos são impostos pelo próprio fato da enquête. Enquanto em atlas lingüístico-etnográficos podem coexistir os estilos “resposta a perguntas” e “textos

narrativos” (por isso, este tipo de atlas sem vinculação sistemática é potencialmente diafásico), a maioria dos novos atlas somente lingüísticos não oferece, tanto quanto podemos ver, nenhuma possibilidade de testar esse parâmetro tão importante, porém extremamente complexo.

O ADDU contrasta, principalmente para fenômenos fonéticos, pelo menos três “fases” ou estilos: leitura, respostas a perguntas do “Questionário”, conversa livre / dirigida (cf. H. THUN). O ALM tem concentrado todos os seus esforços para obter, tanto quanto possível, realizações espontâneas, ao menos no nível fônico. Para os interessantíssimos mapas sintéticos utilizou-se, por isso, apenas as gravações de conversas (cf. J. M. LOPE BLANCH, introdução ao vol. 1 do ALM). Por outro lado, as seqüências que foram trabalhadas durante a entrevista representam igualmente um estilo, o qual, se não é espontâneo, mas sim controlado, apesar disso existe, sendo por isso digno de apresentação. O ALM não aproveita esta possibilidade. Não nos atrevemos a considerá-lo como “potencialmente diafásico”, porque é mais adequado ver a variação diafásica a partir do mesmo informante. É o indivíduo que seleciona os registros. Entretanto, o ALM escolhe intencionalmente informantes distintos para a conversa livre e para a parte de perguntas. Se agora comparássemos as seqüências fônicas de ambas as séries de gravações – com a condição de haver exemplos análogos em número suficiente –, nos veríamos cada vez obrigados a fazer malabarismos com duas variáveis (informantes e estilos), o que é muito difícil.

Também com relação à variação diafásica é de se esperar que encontre acolhida nos atlas planejados e que seja explicitamente contrastada. De qualquer forma, a descrição da variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para se convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolingüística. Devido ao grande número de estilos (“fases”) que ainda nem foram identificados como tal, o pesquisador se vê diante da necessidade de, na intenção de cartografar a variação diafásica, tomar o cuidado especial de preservar a “comparabilidade” dos demais parâmetros, mantendo-os para isso constantes. Dado no entanto que a problemática da apresentação cartográfica só em alguns casos específicos pode ser vista como isenta de problemas, uma grande parte do registro da variação diafásica, devido justamente à exigência de comparabilidade dos dados, fica reservada ao aprofundamento por estudos monográficos, ou seja o mapa como indicativo de problemas lança o desafio à monografia pontual.

3.2.6. Saber metalingüístico

Ainda mais difícil deveria ser registrar sistematicamente o saber metalingüístico dos falantes e cartografá-lo contrastivamente em conjunto com suas afirmações lingüísticas. No que se refere à terminologia, denomina-se a postura em relação à língua em termos de “attitudes”, “*volkstümliche Sprachwissenschaft*”,

“*linguistica spontanea*” (O. LURATI), “*lingüística imaginativa*” (H. THUN), “*delimitaciones subjetivas*” (A. ELIZAINCÍN). Para designar a variação que resulta das diferentes relações entre “postura com respeito à língua” e “conduta lingüística”, há que até mesmo encontrar ainda um nome. As contribuições de A. ELIZAINCÍN e H. THUN tentam demonstrar como “opinar” e “falar” se relacionam entre si.

3.2.7. Topostática e topodinâmica

No último trabalho mencionado acima, é sugerida também a subdivisão do parâmetro diatópico em “topostático” e “topodinâmico”. O primeiro aborda, de maneira tradicional, os grupos de falantes fixos à localidade, o segundo, os falantes móveis, cuja existência não pode ser ignorada pela geografia lingüística, se esta não quer fechar os olhos à vida moderna.

3.2.8. Inclusão do contato lingüístico

Escrever atlas lingüísticos plurilíngües é uma tradição que vai, em uma linha continuada, desde os grandes atlas nacionais da România até grandes projetos de atlas multilíngües como o ALE ou o atlas planejado para toda a România. Porém “plurilíngüe” não significa “contatual”. O fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros. “Língua mista (*Mischsprache*)”, “dialeto de transição (*Übergangsdialekt*)”, “língua ponte” são, hoje, termos correntes na romanística. Não-corrente nos estudos geolingüísticos da România é a busca intencional de fenômenos de contato lingüístico. Para isso, teríamos que desenvolver um método de levantamento de dados próprio. Especialmente para a América Latina, mas naturalmente também para a România européia e africana, vale reforçar o que Cl. WAGNER afirma em sua contribuição sobre o contato entre hispanófonos e falantes de mapuche no Chile: não considerar o contato entre línguas seria “*falsear la imagen lingüística del territorio en estudio*”. O. WINKELMANN, levantando dados em uma área de estudo mais restrita, adotou claramente o aspecto contatual. No âmbito de um espaço geográfico mais extenso e indo além da dimensão areal, o ADDU tenta considerar sistematicamente o contato lingüístico espanhol-português por meio de perguntas referenciais, isto é, através de perguntas relacionadas à outra língua, a qual, em princípio, não é a da entrevista.

O parâmetro contatual é uma dimensão independente. Seu estudo abre um novo caminho que conduz através de todos os planos das variedades, desde o idioleto, através da desdialektização (*Entdialektalisierung*), da regionalização e da formação de uma koiné da ou entre falas de grupos, até o contato entre línguas “comuns”. Não somente a dialetologia entendida como ciência geral da variação, mas já a geografia lingüística areal monodimensional deve aproveitar a

possibilidade do “estudio geolingüístico bilingüe” (Cl. WAGNER), ou melhor: “plurilingüe”. O fato de que as línguas ameríndias têm sido excluídas até agora dos atlas lingüísticos latino-americanos é compreensível devido às enormes dificuldades empíricas que tal empreendimento envolve; no entanto, esta situação não deve continuar em nossa época, quando a mobilidade populacional multiplica as situações de contato. O parâmetro contatual tampouco deve estar ausente no estudo das minorias, uma das grandes tarefas da geolingüística na América Latina (cf. W. KOCH). A não ser que na investigação das ilhas lingüísticas não se queira ver o “mar alóglota” que as circunda.

A inclusão do parâmetro contatual significa, ao mesmo tempo, a abertura de um novo campo de trabalho para a geolingüística, que agora também documenta cartograficamente a descrição de minorias. Ao longo de sua história, a geografia lingüística tem manifestado grandes dificuldades em relação a este ponto. Assim o prova o levantamento adicional de dados realizado por E. EDMONT na Córcega, no âmbito do ALF. Aqui, a sensibilidade para documentar línguas de minorias em atlas lingüísticos tem aumentado nos últimos tempos (cf. o ASLEF para as minorias de fala alemã no Friuli).

3.3. Problemas decorrentes e caminhos para a sua solução

3.3.1. Definição dos parâmetros

A quem, pois, amplia a diatopia monodimensional, os velhos problemas se apresentam mais prementes. Entre eles, se coloca o da definição dos novos parâmetros. Este aspecto foi mencionado no Simpósio, porém não discutido. A necessidade de uma eventual subdivisão dos pontos de inquérito em mais de um ponto já foi mencionada por nós na parte sobre a “*dialectología urbana*”. Em função disso, a rede diatópica torna-se mais densa em regiões industriais de grande concentração demográfica. O parâmetro diasssexual é facilmente aplicável. No caso do parâmetro diageracional, por outro lado, é necessário que nos questionemos sobre quantos grupos etários são significativamente diferenciados e se eles devem ser definidos de maneira “substancial”, isto é, de acordo com a idade biológica, ou “funcional”, por exemplo como “geração dos filhos” vs. “geração dos pais”. O mais difícil costuma ser o estabelecimento do parâmetro diatrático. O grau de escolaridade formal apresenta-se como um critério fácil de se inquirir. Por isso, foi também aplicado em atlas como o ALM e o ADDU. O MRhSA define ambos os seus grupos de informantes de acordo com a ocupação profissional dos mesmos (cf. G. BELLMANN). Parece ser impossível encontrar critérios simples e aplicáveis em toda parte, para áreas extensas e sociedades complexas. É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado.

3.3.2. Representatividade através da pluralidade de informantes

Com isso, nos defrontamos com o tão conhecido problema da representatividade. Há vários aspectos envolvidos. Com referência aos informantes, M. SIMONI-AUREMBOU defende os dialetólogos diante das críticas dos sociólogos, considerando que os primeiros pelo menos indicam fielmente de quem obtiveram as informações e como se caracterizam esses informantes. Outros, como F. MORENO FERNÁNDEZ, têm uma posição mais cética a respeito. Seria possível fazer uma objeção a eles observando que o atlas lingüístico, diferentemente de uma monografia pontual, não precisa necessariamente alcançar uma visão completa dos fatos variacionais. Quando ele fornece indícios seguros da variação, que oportunizam trabalhos mais aprofundados, ele cumpriu com a sua tarefa.

Na maioria dos atlas apresentados (MRhSA, ALM, ADDU, ALECMAN) e nos estudos pontuais (cf. N. DÍAZ, J. BLASER, C. FORTE, E. RADTKE) existe a tentativa de aumentar a representatividade dos dados por meio da consideração de vários informantes por ponto de inquérito. A prática já antiga de, adicionalmente ao informante principal, trabalhar com informantes secundários para um controle parcial das informações do primeiro, ou para aproveitar conhecimentos especiais, é complementada assim por meio da pluralidade completa. Aqui, configuram-se duas linhas. Uma delas poderia ser denominada a da “pluralidade simultânea” ou “de uma via só”. Ela pressupõe a presença, durante toda a gravação, de vários informantes que, naturalmente, devem corresponder a parâmetros idênticos. Essa pluralidade simultânea parte do princípio de que os falantes se complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor pode registrar, além das divergências, também o consenso. Nesse procedimento, resguardam-se ao informante seus direitos lingüísticos e metalingüísticos. O MRhSA, segundo parece, é o atlas que seguiu este caminho da forma mais conseqüente. O ADDU fez a mesma tentativa, porém teve que contentar-se algumas vezes com a pluralidade sucessiva, e não simultânea. A outra linha, a da “pluralidade de várias vias”, está representada pelo ALM. Para a elaboração deste atlas, aplicou-se o questionário completo paralelamente a todos os informantes, porém entrevistando cada um separadamente. Isso significa que o trabalho de controle e complementação de uma gravação através da outra está totalmente nas mãos do inquiridor ou de quem posteriormente trabalha os dados. Quem possui o monopólio metalingüístico continua sendo o lingüista. Esse procedimento não se distancia da idéia tradicional de “*qu’il ne faut pas laisser raisonner le témoin*”, usando as palavras de E. KOSCHMIEDER.

A palavra final sobre os dois procedimentos, no entanto, ainda não foi dada. Mas nos parece que a pluralidade simultânea de uma via só, que incentiva a conversação entre os informantes e permite reconhecer tanto divergências quanto consensos, corresponde melhor à visão da língua como comunicação e, dessa forma, também conduz a resultados mais representativos do que o método da pluralidade paralela, de várias vias, onde os falantes são isolados. A busca por uma melhoria da gravação (ou das técnicas de gravação) leva a uma redefinição do

papel do inquiridor (cf. MORENO FERNÁNDEZ), cujo resultado é uma aproximação recíproca de posições da lingüística, das ciências da comunicação e não por último da antropologia cultural.

3.3.3. Documentação do polimorfismo

Registrar, da forma mais completa possível, as variantes – do polimorfismo em sentido amplo – constitui tarefa central e genuína da geografia lingüística alargada a ciência da variação. O Simpósio deu uma boa impressão do trabalho incessante da geolingüística no seu programa para documentar o polimorfismo. J. M. LOPE BLANCH comprova com exemplos convincentes que uma análise dialetológica breve que não compreenda as diversas variações conduz diretamente a resultados falsos.

3.3.4. Continuum ou gradatum

Na “classificabilidade” das variantes encontra-se, a nosso ver, a solução para a questão amplamente discutida de se o espaço de variedades configura *continua* (cf. ao lado de J. M. LOPE BLANCH também G. BELLMANN) ou *gradata*. Contra a idéia de que os *continua* não podem subdividir-se, não parece opor-se apenas a consciência dos falantes (cf. especialmente Th. STEHL), mas também, pelo menos indiretamente, a representação mais comum de *continua* por meio de procedimentos que de fato apenas são adequados a *gradata* (por exemplo esquemas em quadradinhos com claras divisões internas). Se, nos expressivos “mapas sintéticos” do ALM, encontramos uma série de variantes organizadas estatisticamente em cada um dos pontos de inquérito, isso significa que o “polimorfismo livre” não pode ser totalmente livre, pois são registradas justamente preferências dos falantes. Essas preferências constituem fronteiras de *gradata* que estão se consolidando. Tudo isso ocorre na perspectiva dupla da mudança lingüística em curso (nível da atividade de fala) e do grau de precisão atingido pela ciência da variação (nível da observação lingüística). Sob a última “ótica”, o contínuo não seria nada mais do que uma fase a ser superada, na qual a “objetiva” ainda não está regulada com a devida nitidez. No que diz respeito ao primeiro aspecto, o da coexistência de formas equivalentes no comportamento lingüístico, a moderna geografia lingüística deveria ter a função de, com seu programa pluridimensional, revelar passo a passo que a variação, na realidade, não é livre, mas condicionada. Isso parece mostrar-se de forma especialmente nítida quando se desenvolverem os métodos apropriados para o registro da variação diafásica e, com isso, for dada também a devida atenção às formas de elocução rápida (às quais faz referência sobretudo H. LÜDTKE).

3.3.5. Representação gráfica do polimorfismo e da pluridimensionalidade

Conforme enfatiza H. LÜDTKE, uma das tarefas da geolingüística é prestar serviços a disciplinas afins, como por exemplo a “cronolingüística” ou a lingüística românica comparada. Essa prestação de serviços, no entanto, só pode ser considerada boa se os dados variacionais também forem acessíveis, legíveis e úteis a outros pesquisadores não-geolingüistas. No caso da enorme quantidade de dados que é reunida pela ciência da variação pluridimensional, isso significa acima de tudo que devemos examinar com muito cuidado a melhor maneira de apresentação do material. Uma afirmação muito difundida nos manuais é de que existe uma divisão do mundo geolingüístico em uma parte germanística, na qual seriam esboçados mapas com símbolos, e uma parte romanística, na qual se continuaria com mapas analítico-pontuais. Os projetos de atlas mais recentes demonstram uma vez mais que isso já não é mais assim.

As inovações na técnica de apresentação mereceriam uma discussão mais detalhada. Pelo menos é possível reconhecer, nos mapas reproduzidos nestes anais, que caminhos estão sendo tomados (cf. G. BELLMANN, O. WINKELMANN, J. J. MONTES GIRALDO, H. THUN). A tentação de sobrecarregar os mapas com informações ainda não parece ter sido superada e, algumas vezes, parece inclusive ter sido favorecida pelas possibilidades técnicas atuais. Isso, porém, talvez ainda seja melhor do que o atlas lingüístico sem mapas que alguns propõem com a afirmação de que cada um poderia elaborar o mapa que lhe interessasse, a partir de um banco de dados, ao qual tivesse acesso.

Entre as soluções dos problemas que surgem com a pluridimensionalidade e a representação (a mais exhaustiva possível) do polimorfismo, destacam-se o uso combinado de mapas analíticos e de símbolos, a conexão de mapas de símbolos com listas de formas transcritas, o contraste sinóptico de mapas paralelos que se diferenciam pelos parâmetros enfocados (por exemplo mapas separados de acordo com a geração), assim como a distribuição hierárquica dos dados em uma série temática de cartas (que, por exemplo, num nível mais amplo e mais abstrato, retrata a mera ocorrência de um fenômeno e, num nível mais profundo e concreto, a forma transcrita como uma das variantes que um informante utiliza).

O mínimo que se pode exigir de um mapa lingüístico moderno é a indicação estatística da quantidade dos exemplos com que se trabalha.

Uma verdadeira inovação dos recursos na geografia lingüística constituem as amostras lingüísticas gravadas em CD, que aparecem anexadas ao ALD e que convertem esse atlas ladino-dolomita realmente em um “atlas lingüístico que fala” (cf. R. BAUER). Em breve, será tão comum e tão simples gravar CDs virgens, como o é hoje a gravação de fitas de rolo ou cassetes. A seleção e a compilação dos exemplos sempre dispense muito tempo. Porém, o ganho em clareza acústica compensa o esforço.

3.3.6. Novas técnicas de processamento de dados

Os novos atlas surgem quase todos com o auxílio parcial ou principal de um computador, de um banco de dados e de uma impressora ou de um *plotter*. A. PENNISI apresenta um projeto bem estruturado que foi concebido para o atlas lingüístico siciliano (ALS). Th. WOLF demonstra, na sua contribuição sobre o *Kleiner Flämi-scher Sprachatlas*, que as técnicas desenvolvidas e testadas sob a coordenação de H. VEITH para o *Kleiner Deutscher Sprachatlas* são transferíveis a outros projetos.

3.3.7. A cooperação técnica

Quanto à cooperação técnica, a geolingüística românica apresenta-se como um país em desenvolvimento. Essa constatação foi bastante lamentada, durante o Simpósio. Infelizmente, não se avançou para além das ofertas concretas de intercâmbio de pessoas e de conhecimento técnico (cf. R. BAUER e M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO). Nesse ponto, o caminho trilhado por H. VEITH e seus colaboradores poderia conduzir, também na România, à conclusão de atlas a partir de dados abandonados que ainda não foram devidamente trabalhados.

3.3.8. Sistema de transcrição

Se nos ajudássemos mutuamente com mais freqüência, certamente também resolveríamos muito mais rapidamente problemas básicos, como o armazenamento de formas transcritas.

Porém o uso do computador pode também conduzir a antigos vícios. É fácil produzir símbolos fonéticos os mais variados, e tantos quantos se desejar. Isso pode incentivar a tendência da geografia lingüística de introduzir sempre novos símbolos à medida em que se avança na transcrição, e isso porque se acredita estar ouvindo sempre novas nuances. No fim, chega-se facilmente a uma lista caótica. Diante disso, E. TERNES defende, com razão, o sistema API (ou IPA), cujo traço estrutural é a organização paradigmática dos símbolos. Isso obriga a considerar o inventário já existente, antes de pretender qualquer ampliação.

3.4. Inclusão de níveis complexos da estrutura da língua

A exigência de incluir nos atlas lingüísticos níveis de estruturação mais complexos que os segmentos fônicos, os lexemas e as estruturas morfossintáticas elementares não é nova. No entanto, apenas lentamente vem-se iniciando o caminho para esses níveis mais complexos da estruturação lingüística.

3.4.1. Sintaxe

É bastante difícil estimular configurações sintáticas de formas comparáveis e, além disso, sob condições as mais espontâneas possíveis. Por isso, a sintaxe sempre foi uma filha enteada da geolingüística (G. ERNST), embora, como mostra B. FORINO, de um atlas como o AIS – mesmo que extremamente aproximado da língua padrão – também se possa obter informações sintáticas. No estágio atual dos conhecimentos, nós apenas podemos fazer conjecturas sobre a dimensão da variação sintática. Contudo, não devem ser grandes as diferenças entre as variedades no nível da oração.

3.4.2. Entonação

Outra grande lacuna nas pesquisas é dada pelos fenômenos de prosódia. Os falantes têm uma forte intuição, constantemente reforçada, para a variação de entonação. Mas raramente eles conseguem elucidar essa intuição com palavras. Dado que os traços supra-segmentais pertencem aos procedimentos tradicionais de diferenciação dos falantes (citados, muitas vezes, por meio da imitação do outro), pode-se afirmar, com todo direito, que a pesquisa geolingüística da entonação ainda se encontra em uma relação inversa à importância que os falantes atribuem à prosódia. P. MATURI mostra um caminho intermediário entre as gravações em laboratório (“*in vitro*”) e as gravações em locais abertos (“*in vivo*”) que não é viável apenas na sua área de estudo, que envolve o italiano da região de Nápoles e os dialetos da Campânia. Uma outra contribuição concentrada no estudo de uma área maior e que analisava a entonação do espanhol e do português no Uruguai, infelizmente não foi encaminhada a nós para a publicação.

3.4.3. Textos

Em princípio, não há nada que fale contra incluir também textos completos nos atlas lingüísticos. Dentre os tipos imagináveis de variação, o aspecto temático pertence antes ao âmbito da etnografia, que já há muito tempo coleta e compara “etnotextos”. A variação na técnica de produção textual (por exemplo a construção do suspense) entra na área de uma disciplina, ainda sem nome, sobre o uso cotidiano e dominical da língua. Pressupondo que se consiga obter textos comparáveis, pode contudo ser muito bem analisada aqui a variação de elementos do diálogo (*Dialogwörter*) como as palavras modais e as partículas enfáticas (*Abtönungspartikeln*), ou procedimentos transfrásticos como a pronominalização ou a *consecutio temporum*. Em princípio, são estes procedimentos e elementos lingüísticos igualmente cartografáveis. O que mais facilmente se poderia representar parece ser a variação de mini-textos pré-estabelecidos, como as expressões idiomáticas. O atlas paremiológico planejado por T. FRANCESCHINI ainda está muito distante da implementação concreta e não tem previsão para aparecer.

3.4.4. Procedimentos paralingüísticos

Através do estudo de gestos, tem-se comprovado a vinculação da variação com técnicas paralingüísticas. Não se tem conhecimento de estudos de gestos e de mímica em grandes espaços geolingüísticos. Também não pudemos encontrar ninguém que estivesse disposto a falar sobre os caminhos nesta "terra inexplorada", em nosso Simpósio. Baseando-se em levantamentos monográficos sobre os gestos (como os trabalhos de G. MEO ZILIOS) seria altamente interessante investigar os efeitos de adstratos ou substratos paralingüísticos em regiões lingüísticas coloniais, por exemplo estudar a gestualidade originada da influência dos imigrantes italianos em zonas de colonização hispanófonas.

3.5. A geolingüística e as ciências adjacentes

A colaboração empírica e o intercâmbio de métodos têm unido a geolingüística e a etnografia (folclore, antropologia cultural) desde o AIS. M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO documenta essa ajuda mútua no caso do *Atlas Lingüístico da Paraíba*. J. J. MONTES GIRALDO elucida, a partir da clássica área da etnomedicina, como a geolingüística e a antropologia podem se corrigir uma à outra para o proveito de ambas. F. AVOLIO enfatiza o significado da etnolingüística para a descrição adequada de dialetos em determinadas áreas profissionais e científicas específicas, especialmente na agricultura, esquematizando, com base em alguns projetos de trabalho no sul da Itália Central, a estreita interligação entre o que é relevante para a dialetologia e o que importa para o estudo do folclore. Em sua síntese bastante ampla, contendo múltiplos aspectos, O. LURATI critica tanto a ocupação tradicional da etnolingüística que se contenta com a inventarização muitas vezes meramente atomista, como a tendência estruturalista de "independentização" de conceitos. LURATI reserva à etnolingüística a grande tarefa de apreender os valores culturais que se expressam através da língua e a realidade estabelecida lingüisticamente pela comunidade. O autor considera como um dos temas principais da etnolingüística, tanto sincrônica quanto histórica, a luta entre a oralidade e a língua escrita. O objetivo do estudo deveria ser a compreensão do "fatto sociale totale", meta que, segundo o mesmo autor, seria melhor alcançada, hoje em dia, através do etnofilme do que através do questionário. Com a reivindicação de não questionar os informantes de forma interrogatória, mas deixá-los conversar sobre a sua cultura (com o explorador participando como uma espécie de moderador), a etnolingüística requer o mesmo que a geolingüística, quando esta reúne vários informantes em busca da pluralidade simultânea. Obtém-se aqui a impressão de que, em comparação com os outros desideratos da colaboração entre ciências afins, a interligação interdisciplinar entre a etnografia e a dialetologia foi a que mais progrediu, além de, com os novos métodos, possibilitar sem grande esforço a aproximação de etnólogos e dialetólogos.

4. UMA VISÃO DE CONJUNTO

O estado atual da geolingüística românica permite distinguir duas correntes claramente delineáveis. Por um lado, a geolingüística persiste no caminho já experimentado de uma ciência que delega a si a descrição de dialetos de base como objetivo primordial e que define como tarefa sua o acúmulo de um máximo de projetos similares, com o objetivo de obter uma ótima densidade de dados (veja-se F. AVOLIO, M. SIMONI-AUREMBOU). Por outro lado, pode-se perceber de maneira insistente uma tendência de enriquecer esta aspiração tradicional com um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considere novas possibilidades da técnica de levantamento de dados. Observa-se que na România, em alguns países como a França, impera com maior força a tendência conservadora; outros países, ao contrário, estão mais abertos a esforços renovadores. Esta bipartição evidentemente depende também do balanço do que se realizou até agora a nível nacional. Somente a disposição a uma abertura dos projetos geolingüísticos existentes, no sentido de um diálogo científico de cooperação internacional, pode reunir novamente estas duas correntes. É claro que os parâmetros herdados podem ser, como no caso dos atlas regionais franceses, aperfeiçoados; com isso, se corre porém o risco de, ao mesmo tempo, se auto-isolar.

Como os geolingüistas podem colaborar para a melhoria de sua própria ciência? No nível da organização, se delineam, a nosso ver, três áreas que poderiam modificar a situação do momento. Em primeiro lugar, os projetos geolingüísticos, daqui por diante, deveriam com mais força tornar realidade os modelos de cooperação e não ser elaborados por uma só parte. Em segundo lugar, parece necessário que a formação dos colaboradores continue sendo estendida para o conjunto dos projetos; até agora, a formação tem sido individual, ligada a um projeto particular, sem intercâmbio com as diferentes maneiras de trabalhar de outra pesquisa. Em terceiro lugar, deveria ser estimulada a apresentação periódica de um projeto para assegurar que a discussão necessária ao seu êxito tenha efetivamente lugar.

É quase impossível que, em uma reunião conjunta, possam ser tratados todos os problemas que ocupam uma ciência, e mais ainda quando esta cobre um campo de investigação tão vasto como o da geolingüística.

O resultado principal que também deve ter surpreendido a alguns participantes de nosso Simpósio pode ser resumido com as seguintes palavras: a geolingüística está em vias de converter-se em uma ciência abrangente da variação. Ela aproveita as técnicas de processamento de dados com grande naturalidade e, em parte, com a intenção de inovar. Lhe resta ainda conquistar os níveis mais complexos da estrutura da língua. Espera-se que, nesse intuito, não se perca de vista as características que a tem salvado de todas as crises, verdadeiras ou sugeridas: a orientação para o realizável e o enraizamento em uma base empírica.

AUTORES CITADOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO SIMPÓSIO

- AVOLIO, Francesco. *Prospettive della ricerca etnolinguistica in area mediana e meridionale*.
- BAUER, Roland. *Die romanische Geolinguistik im Spannungsfeld von Wirtschaft und Wissenschaft: Kooperationsmodelle im Projekt ALD I*.
- BAUER, Roland. *Strumenti e metodi di rilevamento per la raccolta dei dati di ALD I*.
- BELLMANN, Günter. *Arealität und Sozialität? Avec un résumé en français*.
- BERNHARD, Gerald. *Il romanesco in famiglia. Indagine micro-sociolinguistica sulla variazione linguistica generazionale a Roma*.
- BLASER, Jutta. *Centro urbano, sub-centro y zona rural (Bagé, Rio Grande del Sur)*.
- DÍAZ, Norma. "... und in welcher Sprache träumst Du?" "Da kür ik ma português." (Apuntes sobre un caso de contacto lingüístico en el sur de Brasil).
- ELIZAINCÍN, Adolfo. *Norte y Sur en el territorio lingüístico uruguayo*.
- ERNST, Gerhard. *Sintassi del dialetto / sintassi del parlato*.
- FORINO, Biagio. *I pronomi personali soggetto in varietà campane*.
- FORTE, Carlos E. *Microdialectología urbana: Berisso (Argentina). Un fenómeno de aculturación acelerada*.
- KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*.
- LOPE BLANCH, Juan M. *El polimorfismo lingüístico y el Atlas de México*.
- LÜDTKE, Helmut. *Geolinguistik, Chronolinguistik und vergleichende romanische Sprachwissenschaft*.
- LURATI, Ottavio. *Linguistica y nuovi bisogni culturali*.
- MATURI, Pietro. *Dati sperimentali sull'intonazione nell'italiano di Napoli e nei dialetti campani*.
- MONTES GIRALDO, José J. *Medicina popular y geolingüística*.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Método geolingüístico y método sociolingüístico. El factor "sexo" en los atlas*.
- PENNISI, Antonino. *Si può informatizzare la variabilità linguistica? Esperienze dell'ALS e dell'OLS*.
- RADTKE, Edgar. *Spostamenti di isoglosse dovuti a differenziazioni generazionali*.
- RUFFINO, Giovanni. *Il progetto dell'Atlante linguistico della Sicilia (ALS) nel quadro dell'attuale geolinguistica regionale italiana*.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Obtenção de dados para a pesquisa dialetal através da cultura popular*.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Possibilidades de cooperação internacional em projetos de pesquisa geolingüística*.
- SIMONI-AUREMBOU, Marie-Rose. *Le problème de la représentativité des témoins dans les nouveaux atlas linguistiques de la France*.
- STEHL, Thomas. *Competenza, pragmatica e linguistica della variazione: problemi d'inchiesta e d'interpretazione in geolinguistica*.
- TERNES, Elmar. *Für die Verwendung des Internationalen Phonetischen Alphabets (IPA) in der romanischen Dialektologie*.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*.
- WAGNER, Claudio. *Geolingüística: problemas de ajuste en situaciones de contacto*.
- WINKELMANN, Otto. *La geolingüística pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico*.
- WOLF, Thomas & VEITH, Werner H. *Kleiner Flämischer Sprachatlas. (KFSA). Computative Konzeption*.

O Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR).

Um trabalho necessário para atualizar informações lingüísticas sobre o guarani e o espanhol do Paraguai¹

Harald Thun & Almidio Aquino
Tradução: Cléo Vilson Altenhofen²

1. INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

O *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)* está sendo elaborado no âmbito de um projeto comum das universidades de Kiel e de Münster, Alemanha, e do Instituto de Lingüística Guaraní del Paraguay (IDELGUAP), sob a coordenação dos Professores Dr. Harald Thun e Dr. Wolf Dietrich, Diretores dos Institutos de Filologia Românica das universidades mencionadas, e do Prof. Lic. Almidio Aquino, Diretor do IDELGUAP e atualmente docente na Universidade de Kiel.

2. OBJETIVO E METODOLOGIA

O ALGR tem por objetivo registrar a variação lingüística nas regiões que correspondem à histórica zona guaranítica do Rio da Prata, isto é, a maior parte do Paraguai atual e as regiões limítrofes do Brasil e da Argentina.

A variação é enfocada a partir do guarani e inclui, idealmente, toda a série de variedades originadas do contato desta língua com o espanhol e o português. De modo concreto, elegeu-se como ponto de partida um guarani tribal dessa zona, virtualmente puro, que é o Guarani-Mbya. O ponto de chegada serão as variedades também virtualmente puras do espanhol rio-platense (forma não-marcada e comum a Paraguai, Argentina e Uruguai) e do português do sul do Brasil.

No espaço lingüístico intermediário, encontramos variedades mais ou menos estáveis como o **jopara** e o **jehe'a**. Contrariamente a uma opinião bastante difundida, prevemos a possibilidade de variação em todas as dimensões a seguir:

- **diatópica** (quer dizer, no espaço, e isso tanto no guarani tribal como em todas as demais variedades);
- **diastrática** (variação vinculada com a estruturação sociocultural dos grupos em questão);

¹ Texto original, traduzido a partir de um manuscrito em espanhol.

² Instituto de Letras – UFRGS.

- **diageracional** (variação que se deve à coexistência de grupos de idades diferentes);
- **diassexual** (variação que reflete na língua, ou seja, culturalmente, a diferença biológica e social entre homens e mulheres);
- **diafásica** (variação muito complexa denominada também *estilística* e *pragmática*, a qual depende de fatores como “interlocutor”, “tema”, “intenção”, “situação”, etc.).

Para a coleta de material lingüístico, são aplicadas técnicas específicas já postas à prova em outros projetos lingüísticos, sobretudo no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*, coordenado por Harald Thun e Adolfo Elizaincín.

São utilizados dois questionários bilíngües: para a zona de contato guarani-hispânico, o *Poranduty Avañe'ẽ ha Karaiñe'ẽme / Cuestionario Guaraní-Castellano* (Mogúncia 1992 [1ª edição], Kiel 1995 [2ª edição, 1997 [3ª edição melhorada]], e para a zona de contato guarani-português, o *Poranduty Avañe'ẽ ha Brasil ñe'ẽme / Questionário Guaraní-Português* (Kiel 1997).

Os dois questionários, contendo cada um cerca de quatrocentas perguntas, apresentam uma estrutura analógica que facilitará a comparação posterior entre os contatos na parte hispânica e luso-brasileira da zona guaranítica.

As perguntas referem-se à fonética, ao léxico, à gramática e à etnografia. Para cada seção e cada pergunta do questionário, busca-se encontrar a técnica mais apropriada de levantamento. Desta maneira, não se formulam somente perguntas indiretas (por exemplo *Mba'ẽichapa avei ikatu ja'e tova?*), mas também se aplicam outros métodos, como:

- **tradução** (do espanhol ou do português para o guarani e vice-versa);
- **visualização** (apresentação de lâminas, por exemplo para as cores);
- **escolha múltipla** (por exemplo, a) “*El señor largó de su perro*”, b) “*El señor largó su perro*”);
- **completar estruturas lingüísticas** (por exemplo, “*Ñande po rehe oĩ ñane ...*” [kuã]);
- **leitura** (da “parábola do filho pródigo”, em castelhano ou português e em guarani);
- **estímulos temáticos** (por exemplo, *Luisõ mombe'upy*).

O objetivo concreto desses questionários bilíngües é, precisamente, proporcionar material para a realização dos mapas lingüísticos (vejam-se os exemplos apresentados ao final), mas não só para isso, também para textos didático-lingüísticos. Por sua natureza, este trabalho poderia acompanhar aos atuais e futuros projetos de educação bilíngüe.

Todos os dados são obtidos por entrevistas diretas realizadas em um ambiente familiar dos informantes (no local, na escola da localidade, etc.). Todas

as entrevistas são gravadas em fitas magnetofônicas. Além disso, são feitas filmagens e fotografias.

3. REDE DE PONTOS DE INQUÉRITO

Para os diferentes países que se localizam na histórica zona guaranítica e que hoje fazem parte do MERCOSUL, selecionaram-se aproximadamente cinquenta localidades como pontos de inquérito:

- PARAGUAI: um mínimo de 22 pontos, entre paraguaios e guarani-mbya.
- ARGENTINA: um mínimo de 15 pontos nas zonas de fronteira com o Paraguai, entre argentinos falantes de guarani e grupos guarani-mbya.
- BRASIL: um mínimo de 15 pontos, entre grupos guarani-mbya e, se os houver, brasileiros falantes de guarani.

Talvez se coloque a pergunta “E o Uruguai?” Como se sabe, o antigo *habitat* guarani compreendeu, pelo menos, o nordeste deste país. No entanto, não existe, hoje em dia, uma população uruguaia ou aborígine de fala guarani.

As tentativas feitas no século passado de estabelecer, no Uruguai, os indígenas emigrados das antigas Missões rio-grandenses fracassaram. E, nos dias atuais, os pequenos grupos de guaranis que entram, de vez em quando, no território da Banda Oriental tampouco encontram condições favoráveis para assentamentos duradouros.

4. ESTADO ATUAL DA PESQUISA

Devido às obrigações docentes dos organizadores do ALGR, as entrevistas só se realizam por etapas que correspondem aos períodos de férias acadêmicas. Até o corrente ano, concluíram-se os seguintes levantamentos de dados:

- em 1992, nos departamentos de Guairá e Central e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones (Wolf Dietrich, Harald Thun, Mario Bogado).
- em 1995 (março), nos departamentos de Presidente Hayes, San Pedro, Guairá e Central (M. Bogado e Almidio Aquino).
- em 1995 (agosto), nos departamentos de Cordillera, Boquerón, Alto Paraguay e San Pedro (H. Thun e A. Aquino). Nas províncias argentinas de Misiones e Corrientes (W. Dietrich e M. Bogado).
- em 1996 (setembro), nos departamentos de Itapúa, Central, Ñe'ẽmbuku, Misiones (A. Aquino e H. Thun) e na zona fronteira de Corrientes/R.A. (M. Bogado e W. Dietrich).

Para o ano de 1997, estão previstas entrevistas na Argentina, no Brasil e no oeste do Paraguai.

Os dados obtidos, até o momento, estão sendo catalogados e arquivados nas universidades de Kiel e de Münster. Uma cópia integral irá para o IDELGUAP, em Assunção. Parte do material já foi objeto de conferências e estudos publicados ou próximos de uma publicação.

5. PRIMEIROS RESULTADOS

Apresentamos a seguir dois exemplos dos primeiros resultados.

5.1. A atitude dos falantes em relação ao guarani

Para medir as opiniões dos paraguaios sobre o guarani, incorporou-se, na parte estatística do questionário, uma série de perguntas metalingüísticas em guarani e castelhano:

<i>Mba'éichapa héra ne ñe'ẽ?</i>	= ¿Cómo se llama la lengua que habla?
<i>Máva ndivépa reñe'ẽ? Araka'épa? Moõpa?</i>	= ¿Com quién la habla? ¿Cuándo? ¿Dónde?
<i>Mba'eichahápepa?</i>	= ¿Sobre qué asuntos?
<i>Reñe'ẽkuaápa avei ambue ñe'ẽme?</i>	= ¿Qué otra(s) lengua(s) habla o conoce?
<i>Máva ndivépa reñe'ẽ? Araka'épa? Mamópa?</i>	= ¿Com quién la(s) habla? ¿Cuándo? ¿Dónde?
<i>Mba'eichahápepa?</i>	= ¿Sobre qué asuntos?
<i>Araka'épa reñepyrũ ypyva'ekue reñe'ẽ</i> a) karaiñe'ẽme, b) guaraníme?	= ¿Cuándo comenzó a hablar a) en castellano, b) en guaraní?
<i>Retĩvapa reñe'ẽ ha'gua guaraníme?</i>	= ¿Há tenido/tiene vergüenza de hablar guaraní?
<i>Ndéverõ ñuarã mba'éichapa reñe'ẽ karaiñe'ẽme?</i> a) michĩmi/as'i, b) porã, c) porãiterei, d) vai/vai vai, e) vai porã	= ¿Cómo habla Ud. el castellano? a) muy poco/poco, b) bien, c) muy bien, d) mal/mas mal que bien, e) regular
<i>Mba'éichapa reñe'ẽ guaraníme?</i> a) michĩmi/as'i, b) porã, c) porãiterei, d) vai/vai vai, e) vai porã	= ¿Cómo habla Ud. el guaraní? a) muy poco/poco, b) bien, c) muy bien, d) mal/mas mal que bien, e) regular
<i>Oñembo'épa avei guarani ko'ápe?</i>	= ¿Se enseña el guaraní acá?
<i>Mba'épa nde ere? Iporã upévã?</i>	= ¿Qué opina sobre ésto? ¿Le parece bien?
<i>Oñeñe'ẽ porãpa karaiñe'ẽme?</i>	= ¿Se habla bien aquí el español?
<i>Oñeñe'ẽpa ápe guaraniete térã mba'e?</i> a) mezcla, b) jopara, c) jehe'a	= ¿Se habla el guaraní puro o a) mezcla, b) jopara, c) jehe'a
<i>Népa ere umi correntino/misionero oñe'ẽha</i> <i>Paraguái oñe'ẽháicha?</i>	= ¿Piensa Ud., que los correntinos/los de Misiones hablan como los paraguayos?

Por muito tempo, afirmou-se, sem fundamento científico, que o guarani era praticamente uma língua morta e que seus poucos usuários talvez o desprezassem ou reprimissem, negando-lhe o direito de elevar-se ao nível de língua escrita.

Os primeiros dados obtidos dos diferentes informantes dos distintos níveis socioculturais (Ca e Cb) e grupos geracionais (GI e GII) apontam resultados que demonstram que os paraguaios, de forma espontânea, manifestam uma atitude aberta favorável ao uso do guarani e, em especial, ao ensino do guarani puro, sem mistura, ou seja do "guaraniete". E mais, os testemunhos da classe sociocultural baixa (Cb) ressaltam a importância do ensino de guarani, para falá-lo corretamente, evitar a mistura desnecessária, recuperar vocábulos substituídos por hispanismos e aceitar os neologismos de boa estirpe guaranítica.

Chama a atenção o fato de que alguns informantes se lamentam por possuírem um guarani misturado ou **jopara**. Se notava neles incômodos com sua competência lingüística. Contudo, no caso de falarem dois ou mais idiomas, davam preferência ao guarani. Comentamos brevemente dois exemplos:

- Departamento de San Pedro: Nesta região, está assentada a Colônia Nueva Germania, onde se pôde recolher dados dos descendentes de colonos alemães que continuam falando o alemão e, certamente, o castelhano e o guarani. É curioso que os mesmos alemães preferem o guarani. Estes declaravam que, no caso hipotético de ter de renunciar a duas de suas três línguas, ficariam com o guarani. Desta localidade temos, fora do nosso programa geracional, gravações de crianças falantes destes três idiomas. O plurilingüismo não é exclusivo da classe sociocultural alta.
- Departamento de Misiones: Em S. Ignacio, se pôde comprovar que as crianças que estão aprendendo a ler e escrever em guarani (dentro do recente "Plan de Educación Bilingüe" do Ministério de Educação e Cultura) se sentem seguros e desejosos de compartilhar seus conhecimentos da língua. É assim que as crianças se ofereceram para ler e cantar em guarani, logo ao início de uma entrevista, e terminada a formalidade do caso, se expressavam com muita fluidez, alternando o código lingüístico com facilidade e naturalidade. Nas quatro fotos que selecionamos a seguir (v. anexo), entre tantas que foram tiradas no momento das leituras, nota-se a seriedade com que nossos informantes se lançaram à sua tarefa.

A **foto nº. 4** dá uma idéia do assombro que provocou a leitura correta por uma dessas crianças no irmão mais velho que não teve a oportunidade de beneficiar-se do Plano de Educação Bilingüe.

Em geral, os informantes dedicaram-se com amabilidade e interesse à leitura. A todas as gerações parecia necessário que também escrevessem textos em guarani. Se aos adultos a leitura custava mais esforço que à criança da foto nº. 4, a causa não está na suposta dificuldade da grafia oficial, mas no simples fato de que essas gerações já haviam deixado a escola antes de se implantar a alfabetização em guarani.

Com os dados do ALGR, já em laboratório, pode-se notar a **nova atitude** dos paraguaios para com o ensino do guarani, uma língua que está rejuvenescendo.

Há uma geração jovem que está tomando consciência do valor cultural e lingüístico de seus dois idiomas.

5.2. Exemplo de mapas lingüísticos

Os três mapas apresentados a seguir devem ser considerados como meros esboços baseados no material coletado até agora.

São mapas **ponto-simbólicos**. Os símbolos são explicados na legenda. Em cada ponto de inquérito, inscrevemos uma cruz com os quatro cantos representando os quatro grupos entrevistados na localidade. Acima da linha horizontal, encontram-se os dois grupos socioculturalmente altos; abaixo, os de nível sociocultural baixo. À esquerda da linha vertical, está a geração dos velhos, à direita a geração dos jovens:

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

CaGII significa, portanto, que se trata de grupos de informantes de classe sociocultural alta e da geração “dos velhos”, etc.

As posições vazias refletem a ausência de um grupo na respectiva localidade, ou o fato de ainda não ter sido levantado até agora. Os dois primeiros mapas se completam.

O **mapa n.º 1** evidencia que quatro palavras competem no guarani atual, para o sentido de “cunhada da mulher”. A forma guaraniete *uke'i* já é minoritária. Somente sete grupos (três de CaGII, três de CbGII, um de CaGI e nenhum de CbGI) a usam exclusivamente. Os Mbya de Itapúa empregam sua forma tradicional *ke'i*. Três grupos usam *uke'i* ou *tovaja* (dois de CaGII, um de CaGI). A grande maioria dos falantes alargou, sob a influência do hispanismo *cuñado/cuñada*, o uso de *tovaja* “cunhado, cunhada do homem” a “cunhada (e cunhado) da mulher”. São, ao todo, 24 grupos (cinco de CaGII, cinco de CaGI, sete de CbGII, sete de CbGI), aos quais se agregam os Mbya de Misiones (Argentina).

Tovaja é um hispanismo de sentido e um guaranismo de forma. Sete grupos (um grupo de CaGII e dois de cada CaGI, CbGII e CbGI) vão todavia mais longe: usam exclusivamente *cuñada*, hispanismo de forma e de conteúdo.

O **mapa n.º 2** representa o conhecimento (uso ativo ou conhecimento passivo) de *uke'i* e *tovaja*. Todos conhecem, evidentemente, *cuñada*. Como é de esperar neste fenômeno de mudança lingüística, o conhecimento da palavra do guaraniete ultrapassa o seu uso. Muitos informantes comentaram que *uke'i* pertence ao uso dos “ymavegua” ou dos da “campanha”.

Observa-se uma ligeira superioridade de conhecimento no norte do país. O declínio de *uke'i*, tanto no uso como no conhecimento, se manifesta geracionalmente pela sua diminuição entre os jovens.

Destes dois mapas, não se pode e não se deve deduzir uma avaliação geral da situação do guarani atual. Contudo, o caso de “cunhada da mulher” ilustra as conseqüências típicas do contato. Forma-se uma escala em cujo topo se encontra a reprovação à influência espanhola por meio da conservação da palavra do guaraniete (*uke'i*), ao centro encontra-se o caso da influência semântica do espanhol (*tovaja*) e, no extremo inferior, aparece a adoção total do hispanismo (*cuñada*). Entre estes graus distinguem-se ainda outros, constituídos pelo uso de variantes (por exemplo *uke'i* e *tovaja*, *tovaja* e *cuñada*).

Por fim, o **mapa n.º 3** ilustra um caso que se pode considerar oposto ao da pergunta 74 (*la cuñada*). Se perguntou através de desenhos e gestos pelas palavras que significam “bigode”. É de se supor, pela conhecida escassez ou mesmo falta de pêlos no rosto do indígena, que o guarani teve que recorrer a um termo novo quando apareceram os primeiros europeus portando bigode. E, de fato, a história das palavras para designar o bigode é a história de várias tentativas de preencher um vazio no vocabulário. A história de *uke'i*, pelo contrário, evidencia o desaparecimento paulatino de uma palavra autóctone. Gostaríamos, além disso, de dar um exemplo de como se pode completar e até mesmo corrigir, através dos dados que proporciona um mapa lingüístico, a informação que dão os dicionários.

Primeiro, apresentamos em um esquema sinóptico, a cronologia lexicográfica das palavras que significam “bigode” (v. **esquema n.º 1**). O estudante de guarani desejoso de aprender o equivalente de *bigote* não encontrará em nenhum dos dicionários citados (cf. a linha 2 do esquema) a resposta que nos deu a totalidade dos informantes: em guarani, também se usa *bigote*, com numerosas variantes fonéticas [vi'gote], [βi'gote], [mbi'gote], [mvi'gote], [vi'vote], [vi'bote]. Chama a atenção que M. A. MORÍNIGO não registra esta palavra em sua abundante lista dos hispanismos no guarani.

Quais são as demais palavras que os dicionários consultados assinalam? Desde MONTÓYA (1639) até GUASCH & ORTÍZ (1992) e DE GUARANIA (1997) se indica *ambota* como equivalente de *bigote*. Nenhum de nossos informantes menciona *ambota*. Este fato confirma a hipótese de que se trata de um arcaísmo praticamente fora de uso. Seguindo a análise do nosso esquema, vemos que *bigote* é um grande desconhecido em todos os dicionários (cf. linha 2). Constatamos, na continuação, que PERALTA & OSUNA assinalam *juru'ava* “bigode” (cf. linha 3 do esquema) com a correta explicação “arcaísmo”. Do dicionário mbya-guarani de L. CADOGAN e de nossas entrevistas com os respectivos informantes aprendemos que, nesta parcialidade, *jurua* se refere à pessoa que possui bigode e que esta peculiaridade classifica o respectivo indivíduo como sendo estrangeiro ou paraguaio, ou seja como não-indígena. De acordo com os dados de nosso Atlas,

jurua/a/*jurua* não se usa no guarani paraguaio para *bigode*. A palavra *temberague* ou *tembe rague* (cf. linha 4) é a que mais possibilidades tem, segundo parece, de substituir o hispanismo *bigote*. A cronologia lexicográfica lhe atribui uma posição bastante forte nos tempos atuais. Encontramos a palavra pela primeira vez no conhecido dicionário de GUASCH & ORTÍZ, porém somente na parte castelhano-guarani. Na parte guarani-castelhano se menciona apenas *ambota*. É de se supor que *temberague* seja um neologismo criado pelo Padre GUASCH ou de algum de seus informantes. ACOSTA & CANESE registram *tembe rague* (e também *tembe raviju*) na nova edição (1997) de seu dicionário, e o mesmo faz DE GUARANIA. Veremos depois, em nosso mapa 3, como se apresenta o conhecimento de *temberague* entre os falantes do Paraguai atual. A palavra *tembeta* (cf. linha 5) se interpreta somente na copiosa enciclopédia do doutor GATTI com um sentido que se aproxima ao de bigode. Por fim, a palavra *tendyva* (linha 6) merece uma menção especial. Somente BOTTIGNOLI lhe atribui explicitamente o significado de “bigode” ao lado do de “barba”. Esta interpretação foi confirmada com nossos informantes guarájo e ñandéva no Chaco, os quais assimilavam o bigode à barba respondendo em ambos os casos *tendyva*.

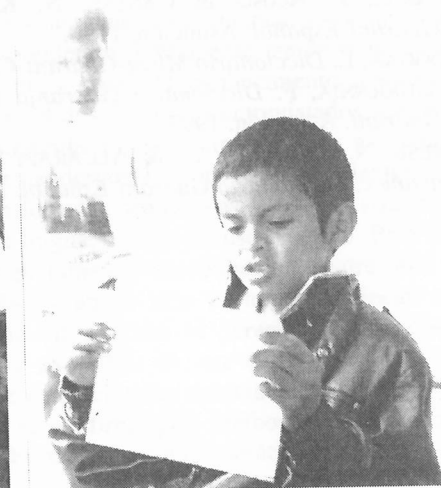
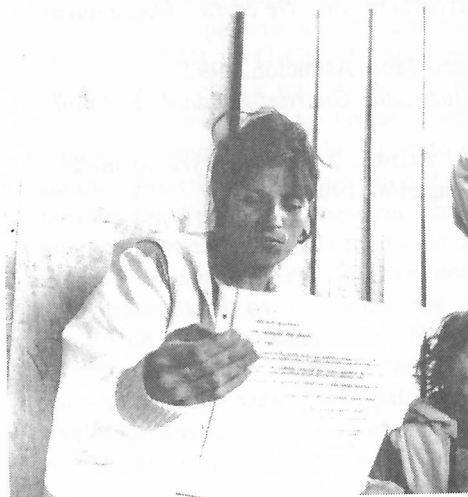
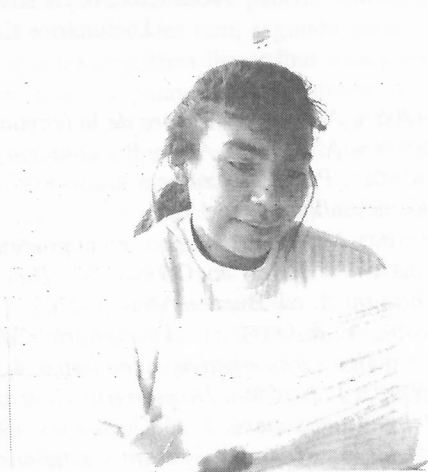
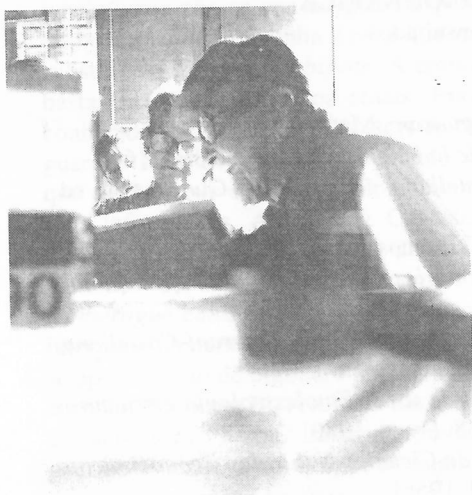
Passamos agora ao nosso mapa 3, cujo tema é o conhecimento de *temberague*. A palavra ocorreu raras vezes de maneira espontânea: somente os três grupos B CbGI, Ñ CaGI e I CaGII responderam diretamente *temberague*, sendo também para eles a palavra *bigote* a mais usual. O conhecimento passivo de *temberague* deu resultados bastante bons. 24 dos 47 grupos entrevistados aceitaram a palavra como “conhecida”, quando sugerida a eles, e cinco grupos não conheceram a palavra, mas declararam que a entenderiam se a ouvissem. Evidentemente, *temberague* é palavra transparente, bem formada segundo as regras do sistema do guarani, mas não enraizada na norma da língua, ou seja no uso coletivo. Para doze grupos, *temberague* era palavra completamente desconhecida; entre eles se encontram todos os indígenas. Os dados atuais não permitem delinear uma arealidade desse conhecimento. No que diz respeito às gerações, os resultados indicam um melhor conhecimento entre os velhos do que entre os jovens. Isso caracteriza *temberague* como palavra de conhecimento todavia não progressivo na totalidade dos falantes. Essa impressão se confirma pela melhor representação de *temberague* na classe alta que na classe baixa (dimensão diastrática).

Não cabe a nós, aos autores do Atlas, julgar a maneira de falar dos informantes. Nossa tarefa se limita a registrar o que se diz. Corresponderá ao espírito científico dos educadores e dos responsáveis pela política lingüística aproveitar os dados que lhes proporciona o ALGR. A eles caberá decidir se é aconselhável reforçar, através do ensino, o uso de palavras como *uke'i* ou de substituir hispanismos como *bigote* por *temberague*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Dicionários Consultados -

- MONTOYA, A. Ruíz de. *Tesoro de la lengua guarani*. Madrid, 1639.
 MONTOYA, A. Ruíz de. *Arte y Vocabulario de la lengua guarani*. Madrid, 1640.
 BOTTIGNOLI, P. J. *Diccionario Guaraní-Castellano y Castellano-Guaraní*. 1. ed. Asunción/Paraguay, 1925.
 MORÍNIGO, M. A. *Hispanismos en el guaraní*. Buenos Aires, 1931.
 PERALTA, A. Jover & OSUNA, T. *Diccionario Guaraní-Español y Español-Guaraní*. 1. ed. Buenos Aires, 1950.
 GUASCH, A. & ORTÍZ, D. *Diccionario Castellano-Guaraní, Guaraní-Castellano, sintáctico - fraseológico - ideológico*. 8. ed. Asunción, 1992.
 DE WELTI, J. Armatto. *Diccionario Guaraní de usos. Etnolexicología estructural del guaraní yopará*. 2. ed. Corrientes, 1988. [1. ed. 1980]
 GATTI, C. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de Ciencias Naturales y conocimiento paraguayos*. 2. ed. Asunción, 1985. [1. ed. 1956]
 SAMPAIO, M. A. *Vocabulário Guaraní-Português*. Porto Alegre, 1986.
 ALCARAZ, F. Acosta & CANESE, N. Krivoshein de. *Ñe'ëryru. Diccionario Guaraní-Español*. Asunción, 1990.
 CADOGAN, L. *Diccionario Mbya-Guaraní-Castellano*. Asunción, 1992.
 DE GUARANIA, F. *Diccionario Guaraní ilustrado. Guaraní-Español, Español-Guaraní*. Asunción, 1997.
 CANESE, N. Krivoshein de & ALCARAZ, F. Acosta. 2. ed. *Ñe'ëryru avañe'ë - avañe'ë. Diccionario Guaraní-Español*. Asunción, 1997.

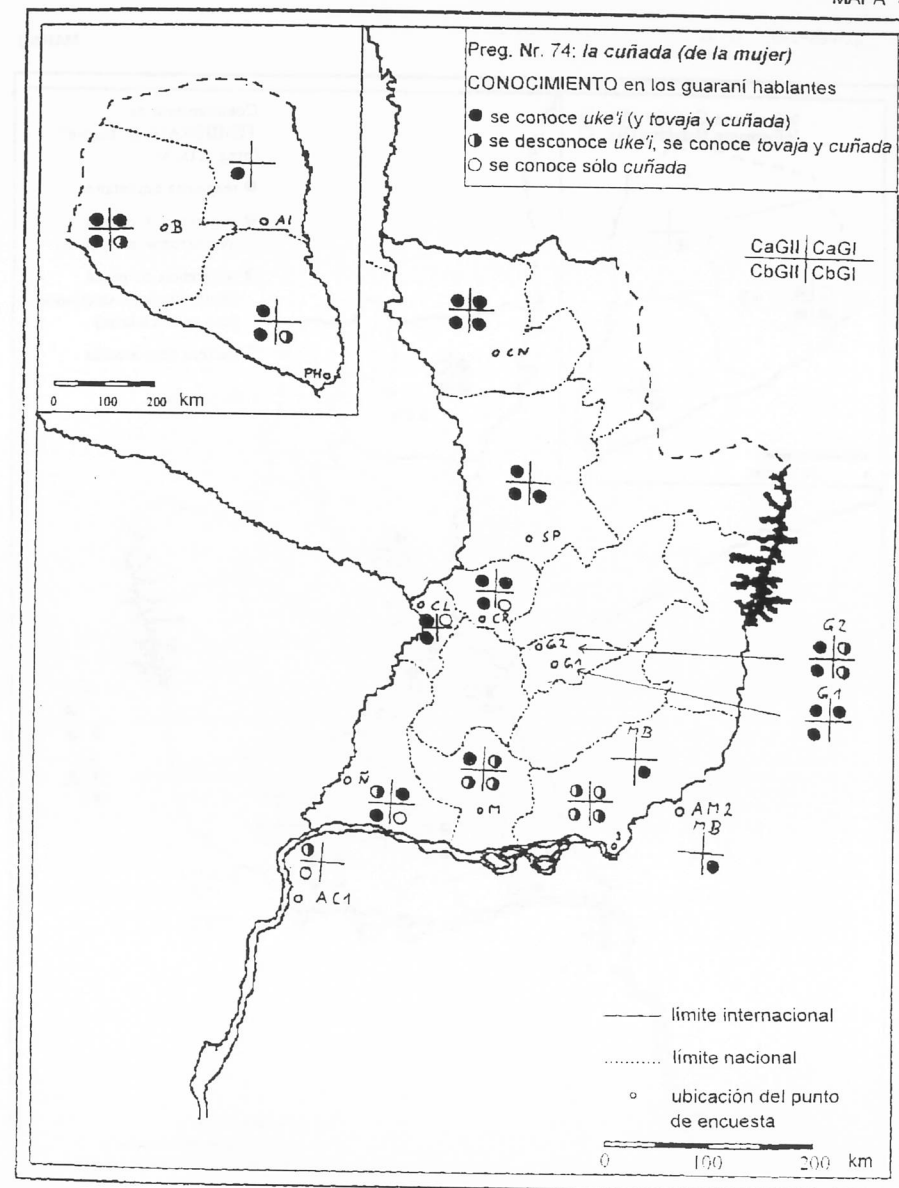
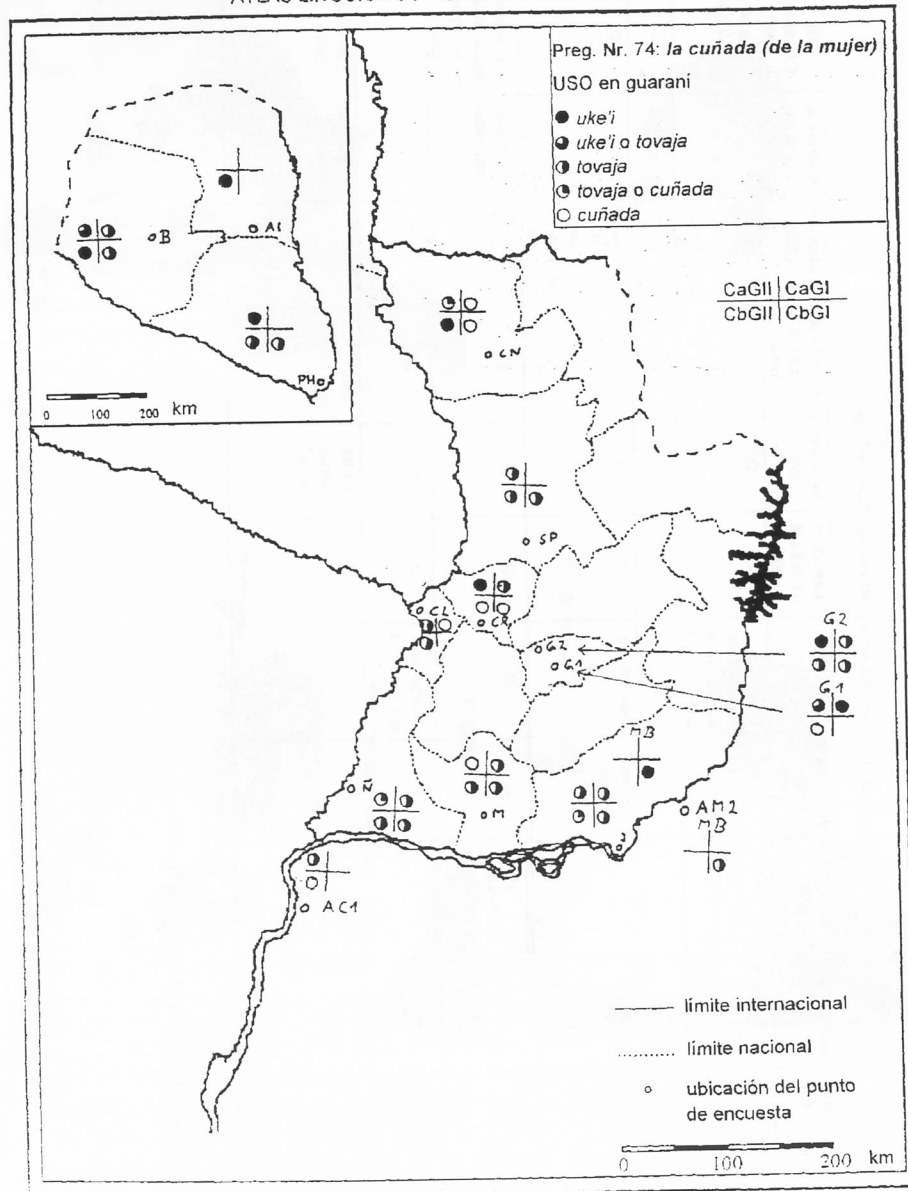


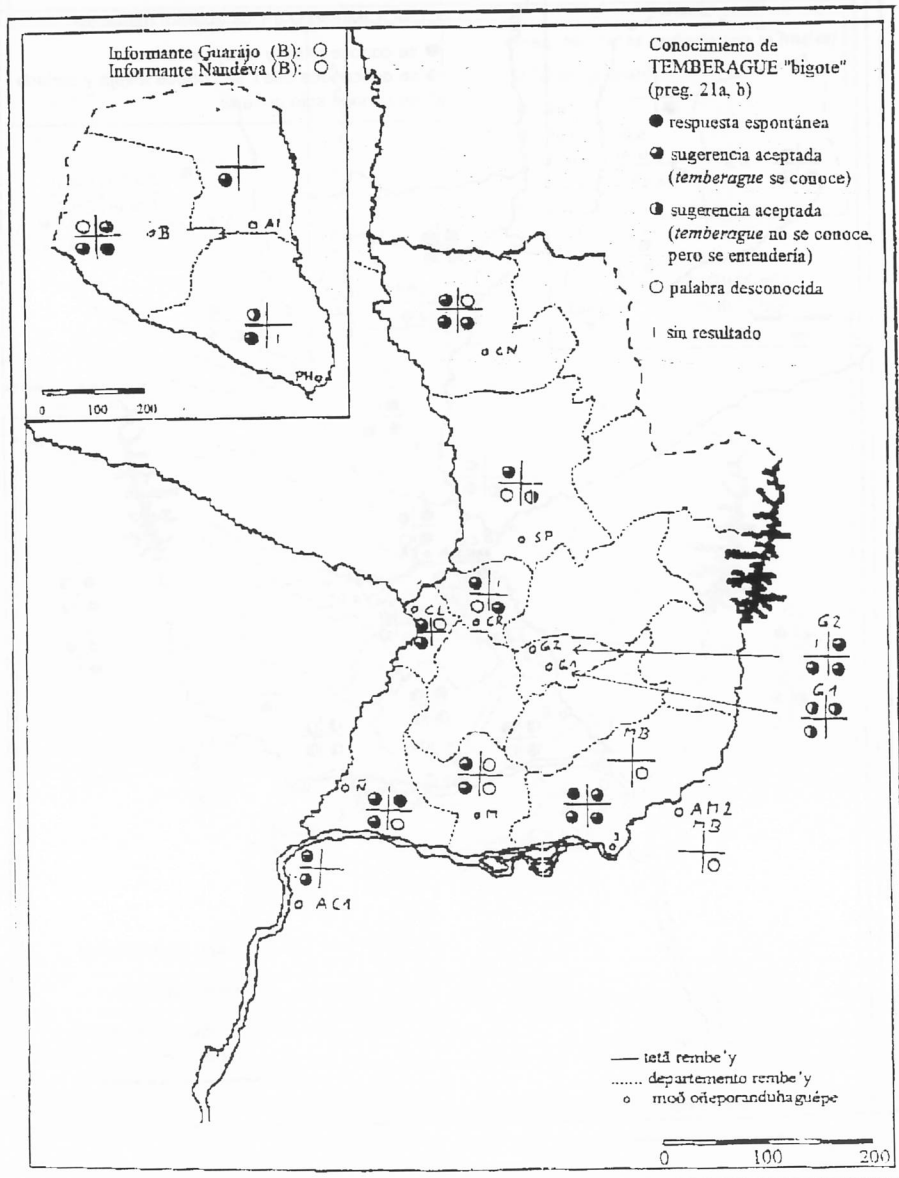
Cronología lexicográfica de la palabras significando "bigote"

	MONTOYA 1639/1640	BOTTIGNOLI 1925	GUASCH 1992 (1944)	PERALTA & OSUNA 1950	GATTI 1956	ARMATTO DE WELTI 1980	SAMPAIO 1986	ACOSTA & CANESE 1990	CADOGAN 1992	CANESE & ACOSTA 1997	DE GUARANIA 1997
1. <i>ambota</i>	"mostacho"	en la parte esp. s. v. <i>bigote</i> (no en la parte guar.)	"mostacho (M.), <i>bigote</i> (temberague)"	"bigote"	1. "bigote 2. mandíbula, quijada" (cita a MONTOYA)	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	"bigote" (con dibujo)
2. <i>bigote</i>	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
3. <i>jurra'a</i>	Ø	Ø	Ø	<i>jurra'ma</i> "bigote" (arc.)	"boquiaberto"	Ø	Ø	Ø	<i>jurra</i> "bigotudo; extranjero, paraguayo"; a "pelo"	Ø	Ø
4. <i>temberague</i>	Ø	Ø	s. v. <i>bigote</i> <i>temberague</i> (no en la parte guar.)	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	s. v. <i>bigote</i> <i>tembe rague</i> (no en la parte guar.)	s. v. <i>bigote</i> <i>tembe rague</i> (no en la parte guar.)
5. <i>tembeta</i>	["barbote"]	Ø	Ø	Ø	"barba, pelo que hace en la cara"	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
6. <i>tendiva</i>	<i>tendibá</i> "barba, mentum" <i>tendibacá</i> "barba, los pelos"	"barba, bigote"	Ø	Ø	Ø	Ø	"barba, queixo, mento"	"barba, pelo de la barba"	Ø	"barba, pelo de la cara"	"pelo de la barba"

Esquema N° 1

"Ø" significa "ausencia de la palabra o del sentido 'bigote' "







Impressão:



Rua Ramiro Barcelos, 2705/ 1º andar
Fone: 316 5088 Fax: 316 5083 - Porto Alegre - RS
E-mail: grafica@supad.ufrgs.br